



*Catarina Filipa Borges Dâmaso*

**IMPACTO DA VIOLAÇÃO DE VALORES CONJUGAIS  
NA REAÇÃO A PRATICANTES DE SWING.**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**  
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

*2013*

**Universidade do Porto**  
**Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação**

**IMPACTO DA VIOLAÇÃO DE VALORES CONJUGAIS  
NA REACÇÃO A PRATICANTES DE SWING.**

Catarina Filipa Borges Dâmaso

Outubro 2013

Catarina Filipa Borges Dâmaso  
Presidente: Doutora Cidália Maria Neves Duarte  
Arguente: Doutora Alexandra Maria da Silva Oliveira  
Orientadora: Doutora Isabel Maria Rocha Pinto  
Classificação: 17 valores

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em  
Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da  
Educação, orientada pela Professora Doutora Isabel Rocha  
Pinto (F.P.C.E.U.P.).

## **Dedicatória**

Aos meus pais que sempre me deram todas as ferramentas necessárias para me tornar na pessoa que sou.

*“What really matters is what you believe.”*

Da Vinci

## **Agradecimentos**

Aos meus pais o meu maior agradecimento, pois sem eles nada teria sido possível. Agradeço os sacrifícios que sempre fizeram para me dar a oportunidade de concluir este sonho. Por todo o apoio que ao longo destes anos me deram, pela paciência e pelo amor incondicional. Não foram anos fáceis, com muitas viagens entre o Porto e a nossa bela Ilha Terceira para nunca me deixar desistir. Sem vocês eu não me teria tornado a mulher que sou hoje!

À Professora Doutora Isabel Rocha Pinto, orientadora da dissertação, agradeço pela orientação rigorosa e desafiante, partilha de conhecimentos e preciosas contribuições. Pela paciência e horas perdidas. Por ter aceite este desafio comigo e por ter acreditado em mim e neste trabalho.

À minha melhor amiga Helena Sousa que aturou todos os meus dramas e “neutoricismos” e que nunca me faltou com nada. Confidente, amiga e companheira de sonhos, nunca poderia descrever em palavras tudo o que significa. À promessa feita, New York espera por nós!

À minha afilhada, Bárbara Oliveira, que sempre aguentou os meus devaneios e nos momentos difíceis esteve lá, nem que fosse para uma saída de compras. À minha madrinha, Catarina Sousa, de sempre que apesar dos trilhos que escolhemos encontrámos sempre o nosso caminho final. Uma pessoa muito especial que teve sempre o seu lugar no meu coração e que sem ela e sem o seu apoio incondicional não me teria levantado.

Aos amigos Bárbara Nascimento, Filipe Conceição e Soraia Cano que me conhecem desde sempre e sabem o que dizer e quando dizer. Pela sua lealdade e amizade, não há palavras. Tão longe e tão perto!

Às pessoas que me acolheram nas suas vidas nos meus primeiros anos de Faculdade, a vida encarregou-se de nos mostrar caminhos diferentes mas nunca deixaram de ser importantes!

À pessoa que tornou este estudo possível pelos seus conhecimentos, T.S. Pela sua infinita paciência e ajuda quando o psicológico não queria mais.

Ao casal informante, pela disponibilidade total e pelos participantes que arranjaram, tornando possível levar este estudo até ao fim. Sem eles não teria conseguido chegar à população-alvo pela reduzida acessibilidade que acarretam.

## Resumo

O presente trabalho tem como base teórica a abordagem da identificação social, nomeadamente o modelo da dinâmica de grupos subjetiva (e.g. Marques, Páez & Abrams, 1998) e tem como propósito verificar se membros de um grupo social estigmatizado (swingers) reagem de forma mais intensa e negativa em relação a um membro desviante do endogrupo do que membros de grupos não estigmatizados socialmente (não swingers). Uma vez que os membros estigmatizados sentem uma forte ameaça por parte da sociedade, a existência de desvio no seu seio deveria ser causador de uma ameaça mais intensa (porque contribuem para o valor negativo do grupo estigmatizado). Com dois estudos-piloto (um com participantes swingers e outro com participantes não swingers) acedemos aos valores que ambos os grupos mais valorizam para as suas relações conjugais. No estudo principal, os nossos participantes (metade praticante de swing e a outra metade não praticante de swing) deram a sua opinião sobre um caso de um casal (swing vs. não swing) no qual tinha ocorrido traição.

Contrariamente ao que esperávamos, os resultados mostram que os participantes swingers não se mostraram mais punitivos ou prescritivos do que os participantes não swingers. Já os participantes não swingers evidenciaram um padrão avaliativo consistente com o “efeito ovelha negra”. Relativamente a este grupo, os resultados mostraram ainda que quando sentem que os valores que valorizam para a sua relação conjugal são violados, tornam-se mais prescritivos.

## **Abstract**

This work is based on the theoretical approach of social identification, in particular the model of subjective group dynamics (eg Marques, Páez & Abrams, 1998) and aims to verify whether members of a stigmatized social group (swingers) react more intense and negative towards to a deviant member from the ingroup than members of social groups not stigmatized (not swinger). Once members stigmatized feel a strong threat by society, the existence of deviation in inside should be causing a more intense threat (because they contribute to the negative value of the stigmatized group). With two pilot studies (one with participants swingers and one with participants not swingers) we access the values that both groups most value for their marital relationships. In the main study, our participants (half swing practitioner and the other half non-practicing swing) gave their opinion on a case of a couple (swing vs. not swing) in which cheating had occurred.

Contrary to what we expected, the results show that participants swingers were not more punitive or prescriptive than participants not swingers. Participants not swingers showed a pattern consistent with the evaluative "black sheep effect". For this group, the results also showed that when they feel that the values that value to their marital relationship are violated, become more prescriptive.

## Résumée

Ce travail est basé sur l'approche théorique de l'identification sociale, en particulier le modèle de la dynamique subjective groupe (par exemple, Marques, Páez & Abrams, 1998) et a pour objectif de vérifier si les membres d'un groupe social stigmatisé (swingers) réagissent plus intense et négative envers à un membre déviant de l'endogroupe que les membres des groupes sociaux stigmatisés pas (pas swinger). Une fois que les membres se sentent stigmatisés une forte menace par la société, l'existence d'un écart de l'intérieur devrait être à l'origine d'une menace plus intense (car ils contribuent à la valeur négative du groupe stigmatisé). Avec deux études pilotes (une avec les participants échangistes et l'autre avec les participants non échangistes), nous accédons aux valeurs que les deux groupes le plus de valeur à leurs relations conjugales. Dans l'étude principale, les participants (dont la moitié praticien de swing et l'autre moitié balançoire non-pratiquants) ont donné leur opinion sur le cas d'un couple (balançoire vs pas balançoire) où la tricherie a eu lieu.

Contrairement à ce que nous attendions, les résultats montrent que les participants échangistes n'étaient pas plus punitive ou plus rigoureuses que les participants ne sont pas échangistes. Les participants qui ne échangistes ont montré un modèle cohérent avec l'effet «mouton noir» évaluative. Pour ce groupe, les résultats ont également montré que quand ils sentent que les valeurs de la valeur à leur relation conjugale sont violés, deviennent de plus prescriptive

## **Índice de Tabelas**

### **Tabela 1**

Médias das Estratégias de Reação aos Membros-Alvo .....	32
---	----

### **Tabela 2**

Avaliação das Áreas de Satisfação da Relação .....	35
--	----



## Índice

<b>Introdução.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPITULO I – Identificação Social, Efeito “Ovelha Negra” e Dinâmica de Grupos Subjetiva .....</b>	<b>4</b>
1. Identidade e Categorização Social.....	4
Teoria da Identidade Social .....	4
Categorização Social .....	5
Comparação Social .....	6
2. Normas Sociais .....	6
Normas Descritivas e Normas Prescritivas.....	7
3. Desvio.....	8
Perspetiva Interacionista de Becker.....	8
Perspetiva Funcionalista de Durkheim.....	9
4. Dinâmica de Grupos Subjetiva .....	10
Desvio e Normas Descritivas e Prescritivas .....	10
Efeito Ovelha Negra .....	12
<b>CAPITULO II – Desvio e Reação ao Desvio .....</b>	<b>14</b>
1. Estigma .....	14
Estereótipos, Preconceito, Discriminação e Estigmatização .....	15
2. Swing .....	17
3. Swing e Desvio.....	19
<b>CAPITULO III – Estudo Empírico .....</b>	<b>21</b>
1. Enquadramento e Hipóteses Gerais .....	21
2. Estudo Piloto 1.....	23
Participantes .....	23
Procedimentos e Medidas.....	23
Resultados.....	23
3. Estudo Piloto 2.....	25
Participantes .....	25
Procedimento e Medidas .....	25
Resultados.....	26
4. Estudo Principal.....	26
Participantes .....	26
Plano Experimental .....	26
Procedimento .....	26

Medidas dependentes.....	27
5. Resultados e Discussão dos Resultados.....	28
6. Resultados Exploratórios e Discussão dos Resultados .....	33
<b>CAPITULO V – Discussão Geral e Conclusões.....</b>	<b>39</b>
Perspetivas para Investigação Futura .....	41
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>42</b>
<b>Anexos .....</b>	<b>46</b>

## **Introdução**

No nosso dia-a-dia passamos por diversos grupos sociais com os quais nos identificamos com mais ou menos preferência. Por exemplo, na escola temos os amigos e os professores, em casa os pais e familiares, em algum desporto o/a treinador/a e os colegas. São estes grupos que vão contribuir para a definição de quem somos, do papel que desempenhamos e dos comportamentos que adotamos. A identidade social pode definir-se como um conjunto de características do autoconceito que decorrem da nossa noção de pertença a um determinado grupo social e do valor e significância emocional atribuída a essa pertença (Tajfel, 1984). Assim, ao identificarmo-nos com um grupo definimo-nos enquanto membros desse grupo, os nossos comportamentos e atitudes passam a ser reguladas por essas características do autoconceito associadas à pertença grupal.

Desde a década de 1980, a Psicologia Social tem vindo a desenvolver o estudo destes processos recorrendo à abordagem da identidade social que engloba a Teoria da Identidade Social (Tajfel, 1978) e a Teoria da Auto-Categorização (Turner, Hogg, Oakes, Reicher & Wetherell, 1987; cf. Marques, Abrams, Páez & Hogg, 2001). A primeira foca essencialmente as relações entre grupos e os efeitos que a noção de pertença tem sobre o indivíduo. A segunda centra-se nas implicações do processo de categorização e de compilação de acontecimentos sociais relevantes, num determinado ambiente social.

Uma linha de investigação tem vindo a ser desenvolvida mais recentemente, o modelo de dinâmicas de grupos subjetiva que resulta da articulação destas duas teorias, da teoria e pesquisa dos pequenos grupos relativamente à reação ao desvio (Marques, Páez & Abrams, 1998) e da perspetiva de Durkheim acerca do desvio nos grupos. Desta forma, estando os membros de um grupo ligados por normas sociais que conduzem a nossa ação de acordo com essas normas acordadas, este modelo sugere que os membros percecionam que pertencem ao grupo e percebem a existência de membros que se desviam e que põe em causa a identidade do grupo. Decorrente do modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva surge um padrão avaliativo de resposta, o Efeito Ovelha Negra que mostra que estamos motivados a favorecer um membro normativo e a desfavorecer um membro desviante e que, desta forma, pela identidade social estabelecida valorizamos e percecionamos melhor o membro do endogrupo por comparação com o membro do enxogrupo (Tajfel, 1978). O presente trabalho pretende fornecer um contributo para a

compreensão das percepções do desvio no interior de um grupo, sendo que principal objetivo incide sobre a forma como reagem os membros de um grupo estigmatizado (swingers) perante um membro do grupo de pertença que se desvia, por comparação com um grupo não estigmatizado.

Esta dissertação encontra-se dividida em cinco capítulos. No Capítulo I apresentamos a Abordagem da Identidade Social (Tajfel, 1978), incluindo a Teoria da Identidade Social e a Teoria da Auto-Categorização, no que se refere ao papel dos processos de categorização e comparação social na construção da identidade social dos indivíduos e nas implicações destes processos relativamente aos comportamentos e à mudança social. Ao tratar-se de um trabalho sobre o papel do desvio nas relações intergrupais e intragrupais, as normas sociais tornam-se cruciais pelo papel fundamental de controlo social que exercem nos grupos. Assim, ainda neste Capítulo, analisamos a noção de “norma” quer em termos da sua construção social, quer em termos do contributo que trazem ao grupo. Exploramos também a noção de desvio sob a perspetiva interacionista de Becker e a perspetiva funcionalista de Durkheim pelas funções de controlo social que exercem. Estes dois temas tornam-se pertinentes porque nos permitem analisar os efeitos do desvio para o grupo e para as suas normas, sob a visão dos membros que o compõe. Por fim apresentamos dois modelos que englobam todos os conceitos e teorias que constituem este trabalho, o modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva e o Efeito Ovelha Negra, bem como alguns estudos realizados.

No Capítulo II debruçamo-nos sobre alguns processos subjacentes ao desvio como o estigma enquanto discriminação de grupos, bem como alguns conceitos que não podem ser dissociados da estigmatização, nomeadamente estereótipo, preconceito e discriminação. Visto que o grupo estigmatizado que escolhemos estudar foi um grupo que adere a práticas sexuais não normativas, nomeadamente um grupo de Swingers, ainda neste Capítulo explorámos um pouco o fenómeno e as suas origens e relacionámos o Swing com o desvio que iríamos estudar, a traição.

No Capítulo III apresentámos os estudos realizados, dois estudo piloto e um estudo principal. O primeiro estudo piloto foi dirigido apenas a um grupo de swingers e pretendia conseguir a percepção deste grupo acerca dos valores, regras, características e/ou comportamentos inerentes à sua prática, e assim identificar quais as variáveis pertinentes de serem estudadas. O segundo estudo piloto foi dirigido a um grupo normativo (não estigmatizado) e pretendia saber quais os valores, de uma lista, que este grupo considerava mais importantes na vida sexual da população em geral.

Posteriormente, elaboramos um estudo principal no qual manipulamos a pertença grupal estigmatizada vs. não estigmatizada, apresentando aos participantes duas versões da mesma história, com uma condição de desvio (um membro do casal que traia) e metade das versões informava que o casal praticava swing. Verificámos de forma consistente com as predições dos estudos sobre o Efeito Ovelha Negra que os participantes avaliam de forma mais negativa o membro desviante do seu grupo do que o equivalente do outro grupo, ao mesmo tempo que avaliam de forma mais positiva o membro normativo do seu grupo do que o equivalente do outro grupo. Relativamente às predições dos estudos sobre a Dinâmica de Grupos Subjetiva verificamos que os resultados não foram consistentes pois não sustentaram a hipótese de que os participantes swingers seriam mais punitivos do que os participantes não swingers. No Capítulo IV apresentámos os resultados gerais e alguns resultados exploratórios que consideramos pertinentes.

Por fim no Capítulo V fazemos uma breve discussão sobre o trabalho realizado e algumas considerações futuras.

Esta dissertação é o resultado de um compromisso entre uma grande vontade de estudar os swingers e a reação ao desvio. Foi portanto, submetida a uma orientação baseada na reação ao desvio no contexto intergrupal.

## CAPITULO I

Desde o nosso nascimento e ao longo da vida vamos integrando-nos em vários grupos sociais (família, amigos, nacionalidade, religião, equipa desportiva, instituição profissional entre outros) e é enquanto membros desses grupos que decidimos a forma como julgamos as situações e como decidimos o nosso comportamento. Ao decidir a pertença a determinados grupos sociais da sociedade o indivíduo está a definir a sua identidade social. Uma vez que este trabalho assenta nos grupos sociais e nas suas normas e desvios torna-se pertinente abordarmos a Teoria da Identidade Social e da Categorização Social.

Ainda neste capítulo abordaremos as Normas Sociais, o desvio, e o modelo da Dinâmica de Grupos subjetiva e o Efeito Ovelha negra, dois modelos pertinentes à compreensão do desvio e prever a reação dos indivíduos perante membros que se desviem das normas do grupo.

### 1. Identidade e Categorização social

Portanto, a nossa pertença a um determinado grupo exige que nos orientemos pelas normas definidas e partilhadas pelos membros desse grupo (Turner, 1991). A teoria da identidade social foca essencialmente as relações entre grupos e os efeitos que a noção de pertença a um determinado grupo social tem sobre os comportamentos, cognições e afetos do indivíduo.

#### *Teoria da Identidade Social*

A identidade social resulta da noção de pertença a um grupo social e do valor que é reconhecido ao grupo, pela sociedade enquanto grupo. Os indivíduos definem-se a si próprios enquanto membros de grupos e transpõem para o seu autoconceito esta identidade (social), categorizando-se a si mesmos e aos outros como membros do grupo social de pertença (Tajfel & Turner, 1979; Turner, 1975; Abrams & Hogg, 1990). A identidade social decorrente da pertença a um grupo envolve três componentes distintas: (1) a cognitiva, que diz respeito ao sentido de inclusão, de pertença; (2) a avaliativa, resultante da conotação positiva ou negativa dessa pertença; e (3) a emocional, relativamente ao conjunto de emoções que acompanham o conhecimento e a avaliação de pertença (Tajfel, 1978).

O comportamento social pode ser concebido como algo que ocorre ao longo de um continuum, desde o comportamento intergrupar – todo o comportamento de duas ou

mais pessoas que é determinado pela sua pertença a diferentes grupos sociais ou categorias, - e interpessoal – encontro social entre duas ou mais pessoas no qual toda a interação é determinada pelas reações pessoais entre os indivíduos e as suas respectivas características individuais (Marques, Páez & Abrams, 1998; Tajfel, 1978). O comportamento interpessoal tem por base a identidade pessoal do indivíduo, a percepção de características específicas aos indivíduos envolvidos. O comportamento intergrupar tem por base a percepção que o indivíduo tem de si próprio enquanto elemento indiferenciado de uma categoria social, com a qual partilha integralmente características salientes e relevantes nesse contexto (*ibid*); tem por base a sua identidade social. Assim, as representações dos grupos sociais correspondem a representações que acentuam a percepção de uniformidade intragrupal (os membros de um grupo são vistos como mais semelhantes entre si do que na realidade são) e de diferenciação entre grupos (os grupos são vistos como mais diferentes entre si do que na realidade são, tendendo a negligenciar nas semelhanças intergrupais e as dissemelhanças intragrupais. Este é o processo de categorização social.

### *Categorização Social*

O processo de categorização social pode ser encarado como um instrumento cognitivo que permite segmentar, classificar e dar sentido e ordem ao ambiente social (Hogg & Abrams, 1988; Hogg, 2001). É um processo de compilação dos acontecimentos sociais mais relevantes de um determinado grupo social, inserido num determinado contexto, levando o indivíduo a categorizar-se, e aos outros, por forma a tornar o mundo social mais significativo e preditivo (Tajfel, 1978). Assim, o processo de categorização social organiza o mundo social, ao mesmo tempo que possibilita a definição do posicionamento dos indivíduos na sociedade (Tajfel & Turner, 1986). Através da auto-categorização como membro de determinado grupo, os indivíduos assumem as características definidoras do grupo para si próprios, aprendem as normas grupais relevantes e conformam-se às expectativas normativas do seu grupo. Este processo faculta ao indivíduos despersonalizar-se, percebendo-se como igual aos demais que estão categorizados no seio do grupo. Os indivíduos conformam-se à norma do grupo porque esta representa o protótipo, identificando-se com este, de forma a minimizar as diferenças intracategorias – dentro do endogrupo, - e maximizar as diferenças (Marques, Páez & Abrams, 1998).

Concluindo, quando a categorização social torna saliente determinada identidade social, os indivíduos deixam de se comportar de acordo com as suas características idiossincráticas e passam a guiar-se pelas características e normas do grupo. Daqui decorre a acentuação percetiva (maior semelhança intracategorial e diferença intercategorial percebidas) que mencionámos acima.

### *Comparação Social*

A teoria da identidade social baseia-se ainda em três princípios fundamentais: (1) os indivíduos estão motivados a formar e a manter uma identidade social positiva, com o objetivo de manter um autoconceito positivo protetor da sua autoestima; (2) essa identidade social positiva resulta de comparações favoráveis entre o grupo a que o indivíduo pertence (endogrupo) e outros grupos relevantes (exogrupo), num contexto social específico, podendo envolver atitudes de favoritismo relativamente ao endogrupo (ingroup favoritismo; Tajfel, 1978) das quais podem decorrer comportamentos discriminatórios em relação ao exogrupo (ingroup bias; Tajfel, Billing, Bundy & Flament, 1971, *cit in* Ferreira, 2007); (3) quando o valor da identidade social não é satisfatório, os indivíduos envolvem-se em estratégias psicológicas e/ou comportamentais de carácter individual e/ou coletivo para restabelecer um valor positivo para a sua identidade social (Tajfel & Turner, 1986).

## 2. Normas Sociais

Por se tratar de um estudo sobre o desvio, as normas sociais são uma componente fundamental neste trabalho, uma vez que as normas são mecanismos de controlo social tanto nos grupos como nas sociedades. São as normas acordadas no seio de um grupo ou de uma sociedade que orienta os comportamentos dos indivíduos, criando uma coesão interna que os leva a agir em consonância e a proteger os valores e crenças grupais. Posto isto, torna-se pertinente iniciarmos focando o conceito de normas sociais e de dois tipos de normas que melhor se adequam ao objetivo deste estudo.

A norma é uma construção social que tem uma utilização generalizada uma vez que ajuda a descrever e/ou prescrever o comportamento humano. Sherif (1963) descreveu normas como um conjunto de regras negociadas para o comportamento social, “os costumes, tradições, padrões, regras, valores, formas e todos os outros critérios de conduta que são padronizados como consequência do contacto dos indivíduos” (p. 3). Para o autor, a norma permite gerir o próprio comportamento e



prever de modo socialmente eficaz o comportamento dos outros (Sherif, 1936). Sumarizando, normas sociais são, regras, valores, crenças, percepções e prescrições de comportamentos partilhados pelos membros de um grupo, associadas à pertença a esse grupo e aprovadas socialmente dentro do mesmo, guiando o comportamento social dos membros sem a força da lei (Cialdini & Trost, 1998). É uma forma de manifestação de aspetos fundamentais da identidade social, através da identificação com as normas partilhadas pelos membros do grupo, levando a que estes estejam motivados a agir de acordo com as normas acordadas (Turner, 1991; Jetten, Spears & Manstead, 1997).

Existem duas perspetivas que se debruçam sobre a forma como as normas sociais emergem dentro de sistemas sociais: a perspetiva da valorização social e a perspetiva funcionalista (Cialdini & Trost, 1998). A perspetiva da valorização social defende que as normas são regras arbitrárias para o comportamento, pois a sua adoção dá-se devido à valorização e ao reforço pela cultura (Berger & Luckmann, 1966; Cialdini & Trost, 1998). A perspetiva funcionalista defende que o comportamento normativo é funcional e auxilia na concretização dos objetivos do grupo (Allison, 1992; Sherif, 1936; Summer, 1906; Cialdini & Trost, 1998), implicando que as normas ineficazes ou incorretas para este efeito não persistem ao longo do tempo (Jacobs & Campbell, 1961; Cialdini & Trost, 1998).

Alguns autores caracterizam as normas sociais como sendo atributos de um grupo simultaneamente descritivos e prescritivos para os membros que o compõem (Miller & Prentice, 1996, *cit in* Veríssimo, 2001). Contudo, outros autores consideram que as normas sociais podem ser classificadas em diferentes tipos, dependendo do tipo de contributo que oferecem aos membros do grupo no qual emergem (Cialdini & Trost, 1998). Dois tipos de normas sociais pertinentes para este estudo são as normas descritivas e as normas prescritivas, uma vez que estão estreitamente ligadas ao modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva e que mostra a importância destes dois tipos de normas na prescrição do indivíduo.

#### *Normas descritivas e normas injuntivas*

As normas enquanto mecanismos de controlo social podem ser *descritivas* e *prescritivas*. As normas descritivas descrevem o comportamento adequado a uma determinada situação (Cialdini, Kallegren & Reno, 1991; Cialdini & Trost, 1998). Este tipo de normas servem uma função de informação, uma vez que fornecem conhecimento acerca do que é “normal” estatisticamente numa situação nova ou

ambígua (Gilbert, 1995; Stiff, 1994; Cialdini & Trost, 1998). Quando não é claro o comportamento apropriado perante uma determinada situação, tendemos a confiar nestas normas descritivas que se traduzem numa “realidade social” mostrada pelos outros membros do grupo (Festinger, 1954; Cialdini & Trost, 1998). Quanto maior é o número de pessoas que respondem da mesma maneira, mais “correto” o comportamento evidenciado é percebido (Thibaut & Kelley, 1959; Cialdini & Trost, 1998).

Por outro lado, as normas *injuntivas* deliberam qual a conduta que os indivíduos, declarando devem adotar numa dada situação (Hogg & Abrams, 1988), possibilitando aos indivíduos perceber quais os comportamentos adequados socialmente. De acordo com Cialdini, Kallgren e Reno (1991), as normas injuntivas relacionam-se diretamente com a aprovação ou desaprovação dos outros, motivando o comportamento dos indivíduos prometendo recompensas sociais ou punições por parte dos outros. Por exemplo, o facto de nos sentirmos obrigados a ajudar os outros pode relacionar-se com uma norma social que prescreve um comportamento socialmente responsável (Alisson, 1992; Cialdini & Trost, 1998). Assim as normas prescritivas constituem, no fundo, as regras morais do grupo (Cialdini, Kallgren & Reno, 1991; Cialdini & Trost, 1998).

### 3. Desvio

O desvio está presente em todas as sociedades e uma vez que se trata de um trabalho sobre desvio mostra-se necessária fazer uma breve descrição acerca do fenómeno, abordar a perspectiva interacionista de Becker e funcionalista de Durkheim uma vez que cumprem funções de controlo social muito importantes para manterem o nível esperado de consenso interno que permite a continuação da sua existência enquanto grupo. Quando um membro se desvia, os outros membros do grupo vêm-se obrigados a tomar atitudes punitivas como um mecanismo para a definição das fronteiras morais do grupo e desta forma restituir e reforçar as normas sociais e, consequentemente, a coesão grupal.

#### *Perspetiva Interacionista de Becker*

Desvio é um fenómeno social que tem de ser entendido no contexto social em que se insere. Neste sentido, para o estudo do desvio temos também de compreender as interações estabelecidas entre indivíduos, sociedades e os sistemas de normas que tendem a enquadrar e direccionar a ação dos diversos atores sociais num determinado contexto (Becker, 1963; Cohen, 1971; Giddens, 1977; Carvalho, 2003). Becker (1963)

ressaltou a criação de normas nos grupos sociais, cujas transgressões constituem desvios e, consequentemente os infratores são etiquetados como diferentes dos restantes membros do grupo. Com efeito, desvio é um conceito interacionista que permite não só encontrar lógica em questões sociais aparentemente tão distintas, como a sexualidade ou a morte. Por exemplo, a poligamia (casamento entre mais de duas pessoas) é uma característica da maior parte das culturas Africanas, onde a sexualidade com outras mulheres e homens é comum. Na nossa sociedade, a poligamia é um comportamento que se desvia das relações monogâmicas que constituem uma característica da nossa cultura.

Há que ter em conta duas vertentes na conceitualização de desvio: por um lado, é definido enquanto infração às normas sociais estabelecidas por um determinado grupo; por outro lado, é visto como uma conceção a partir da qual alguns sujeitos são rotulados por membros do mesmo grupo numa perspetiva que emerge do contexto social onde se desenrola a interação entre todos (Dias & Andrade, 1984). Neste sentido, Durkheim (1963) considera que o desvio não surge como uma qualidade do ato, mas sim como uma consequência da etiquetagem social que os membros da sociedade atribuem ao indivíduo infrator, enquanto Becker (1963) foca a sua atenção na forma como os rótulos são colocados e as consequências de tais atos para quem rotula e para quem é rotulado.

#### *Perspetiva Funcionalista de Durkheim*

O desvio encontra-se relacionado com a sociedade e a cultura, sendo por isso um fenómeno normal, encontrado em todas as sociedades, e cumpre funções muito importantes, conforme perspetivou Durkheim. De acordo com Émile Durkheim (1893/1984), o desvio não deve ser considerado como uma disfunção social, mas sim como uma propriedade normal dos grupos que lhes possibilita fortalecer os seus sistemas normativos e, assim, resistir a constrangimentos e eventualidades que se podem suceder em contextos específicos. Nas sociedades existe algo denominado de consciência coletiva e é “o conjunto de crenças e dos sentimentos comuns aos membros de uma determinada sociedade, formando um sistema com vida própria (...) que existe fora do indivíduo, mas que o controla pela pressão moral e psicológica, ditando as maneiras como a sociedade espera que se comporte” (Durkheim, 1893/1984, p. 98). Ao ofender a consciência coletiva (padrões normativos sociais), os membros da sociedade envolvem-se em atos punitivos dirigidos sobre o membro desviante, contribuindo para o restabelecimento do valor da norma que foi violada e para o reforço da coesão interna

(Jones, 1981; Turner, 1990). É através da punição coletiva (por exemplo, julgamentos em praça pública) que os membros de um grupo mostram a sua indignação e assim reforçam a norma do grupo. Neste sentido, o desvio mostra os limites aceitáveis e inaceitáveis do comportamento social, permitindo aos cidadãos comuns e normativos do grupo mostrarem um maior compromisso com as normas do grupo e assim, reforçarem os seus laços com a sociedade e com a consciência coletiva.

Sintetizando, o desvio é uma construção social, criado pelo próprio grupo para aumentar o castigo, criando a possibilidade dos membros do grupo mostrarem a sua hostilidade relativamente aos membros que se desviam, permitindo redefinirem-se os valores, as normas e os objetivos e, ao mesmo tempo, através da punição reforça-se a coesão e a solidariedade social entre os membros e destes para com a consciência coletiva.

#### 4. Dinâmica de Grupos Subjetiva e Efeito Ovelha Negra

O modelo da dinâmica de grupos subjetiva inspira-se na teoria da identidade social e na reação ao desvio e por isso é a base deste trabalho. Neste sentido, a noção de “dinâmica de grupos subjetiva” resulta da articulação da abordagem da identificação social, da teoria e pesquisa realizada em torno dos processos dos pequenos grupos quanto à reação ao desvio (Marques, Paez & Abrams, 1998) e da perspectiva Durkheimiana sobre o desvio nos grupos.

##### *Desvio e Normas Descritivas e Prescritivas*

O modelo da dinâmica de grupos subjetiva sugere a existência de um processo cognitivo e emocional porque os membros do grupo pertencem e percebem que pertencem ao grupo, percebendo também que a presença de membros desviantes põe em causa a identidade do grupo. Assim sendo, os membros desviantes tornam evidentes as normas prescritivas do grupo, reforçando a coesão grupal e gerando uma focalização prescritiva, por parte dos membros normativos, que os motiva a validar essas normas e a punir os membros desviantes (Marques, Paez & Abrams, 1998). Neste sentido, uma noção fundamental no modelo da dinâmica de grupos subjetiva é, então, a distinção entre focalizações normativas descritivas e prescritivas (Marques & Páez, 2008). Adotamos uma descritiva quando nos centramos em critérios normativos que nos permitem diferenciar entre grupos (por exemplo, cor da pele). A focalização descritiva permite aos membros a percepção de diferenciação entre estes e outros membros de

outros grupos, não traz qualquer valor ao grupo. Por outro lado, a focalização prescritiva refere-se a critérios que não definem necessariamente as diferenças entre grupos e as pertenças grupais dos indivíduos, mas sim o valor positivo ou negativo desses indivíduos, têm um carácter moral (por exemplo, a lealdade de um indivíduo para com o grupo a que pertence). A focalização prescritiva explica o Efeito Ovelha Negra, trazendo valor ao grupo. Concretizando, este modelo consiste então no processo pelo qual os indivíduos maximizam a diferenciação intergrupar (numa dimensão descritiva) e intragrupal (numa dimensão prescritiva), de forma a validar as normas prescritivas do endogrupo.

Marques, Abrams, Páez & Taboada (1998, *cit in* Veríssimo, 2001) procuraram analisar o papel das normas e da categorização na avaliação dos grupos e dos seus membros. Os participantes foram informados que se tratava de um estudo sobre “tomada de decisão em júri” e numa primeira sessão foi-lhes apresentado um caso de homicídio que envolvia seis pessoas. De seguida foi-lhes pedido que ordenassem as seis pessoas de acordo com o seu grau de responsabilidade na morte da vítima, justificando. Foram ainda informados de que o estudo pretendia confirmar a presença de dois padrões de decisão neste contexto (X e Y). Na segunda sessão, os participantes foram categorizados num desses dois padrões, supostamente tendo por base os critérios da sua justificação da ordenação, na primeira sessão. Posto isto, os participantes foram informados das respostas de cinco outros participantes (do seu grupo ou de outro grupo). Na condição endogrupal, foram fornecidas informações de quatro participantes que apresentavam exatamente a mesma ordenação do sujeito (membros normativos), e de uma pessoa que apresentava uma ordenação contrária (membro desviante). Na condição exogrupal, quatro pessoas apresentavam uma ordenação contrária à do sujeito (membros normativos do exogrupo) e uma pessoa apresentava uma ordenação similar à do sujeito. A tarefa pedida, de seguida, era para que os participantes avaliassem um membro normativo e outro desviante. Alguns participantes receberam uma página impressa que representava a norma do seu grupo, isto é, a ordenação de responsabilidades que correspondia exatamente ao seu padrão de resposta, e a norma do exogrupo (uma sequencia inversa), enquanto a outros participantes não foi apresentada qualquer informação antes da apresentação das respostas dos outros participantes que deveriam avaliar (norma saliente vs. sem norma). Os resultados mostraram a co-ocorrência de um viés endogrupal e efeito ovelha negra. Na condição sem norma os

participantes avaliaram os membros normativos e desviantes do endogrupo mais positivamente do que os do exogrupo; na condição norma saliente, o membro normativo do endogrupo foi avaliado mais positivamente do que o equivalente do exogrupo, e o membro desviante do exogrupo foi avaliado de modo mais negativo do que o equivalente do exogrupo. A conclusão destes resultados sugere que a derrogação dos desviantes parece ser uma estratégia de validar a legitimidade das normas endogrupais (Marques, Abrams, Páez & Taboada, 1998, *cit in* Veríssimo, 2001). Assim, a derrogação dos membros desviantes mostra-se funcional para o grupo pois para além de legitimar as normas do grupo, favorece a solidariedade normativa dentro do grupo, colaborando para proteger ou manter a identidade social positiva do grupo (Marques, Abrams, Paéz & Gogg, 2001).

### *Efeito Ovelha Negra*

O Efeito Ovelha Negra é um padrão de resposta decorrente da Dinâmica de Grupos Subjetiva e o resultado de um efeito cognitivo-emocional mostrando que ao mesmo tempo que se favorece um membro normativo, também se desfavorece o desviante. De acordo com o que vimos da Teoria da Identidade Social de Tajfel (1978), os indivíduos normalmente valorizam e percebem como diferente e melhor o endogrupo e os seus membros comparativamente com o exogrupo, mostrando um *favoritismo endogrupal* (Tajfel, 1978). Contudo, também se verifica que nem sempre é assim e que nem todos os membros do endogrupo são percebidos como igualmente bons e representativos da sua categoria (Marques, 1990), com efeito, há membros que pelos seus comportamentos contribuem de forma negativa para o grupo.

Num estudo Marques e colegas (1988) pediram a estudantes belgas para julgar estudantes belgas e norte-americanos desejáveis ou indesejáveis sobre uma série de características. Os resultados mostraram que os estudantes belgas desejáveis foram julgados de forma mais favorável do que estudantes norte-americanos, ao passo que estudantes belgas indesejáveis foram julgados de forma mais desfavorável do que estudantes norte-americanos indesejáveis. Marques e colegas obtiveram resultados semelhantes noutros estudos. Por exemplo, Marques e Yzerbyt (1988) pediram a estudantes de Direito para colaborarem num estudo sobre as capacidades discursivas entre estudantes de Direito e estudantes de Filosofia. Todos os estudantes ouviram dois discursos, primeiramente um bom e de seguida outro mais fraco e foram informados por escrito ora que o primeiro discurso era de um estudante de Direito ora que o segundo de

um estudante de Filosofia. Os resultados mostraram que os participantes avaliavam de forma mais desfavorável outro estudante de direito que proferiu um mau discurso do que um estudante de Filosofia que proferiu igualmente um mau discurso. Por outro lado, avaliaram de forma mais favorável um estudante de Direito que proferiu um bom discurso do que um estudante de Filosofia com um discurso igual.

É através da identificação social que nos percebemos como membros pertencentes a um determinado grupo, ou vários. Como tal, as diferentes sociedades, instituições e grupos sociais dispõem de normas sociais no sentido de regular o comportamento dos seus membros. Por exemplo, quando chegamos a uma paragem de autocarro é normativo que nos coloquemos atrás da pessoa que está em último lugar na fila de espera e que entremos quando chegar à nossa vez; ou quando estamos numa loja e pretendemos pagar por um produto dirigimo-nos às caixas registadoras e aguardamos na fila de espera até que chegue a nossa vez de efetuar o pagamento. Estes são exemplos de comportamentos guiados por normas sociais e que nos ajudam a saber como nos comportar em determinada situação. Contudo, há sempre membros que se desviam das normas sociais estabelecidas e por vezes deparamo-nos com pessoas que apesar de se depararem com uma fila para entrar ordenadamente no autocarro passam a frente. Através do modelo da dinâmica de grupos subjetiva é possível explicar que estes desvios criam nos grupos, instituições ou sociedades uma necessidade de tornar evidentes as normas prescritivas de determinada situação e, consequentemente, restabelecer uma identidade social positiva do grupo.

## CAPITULO II

Conforme vimos no capítulo anterior, a identificação social auxilia na percepção do mundo social com base em categorias sociais. Este processo de categorização social leva os indivíduos a regerem-se pelas normas do grupo e, conseqüentemente acarreta estigmas associados aos desviantes. A nossa sociedade está repleta de ideias preconcebidas acerca de determinadas pessoas, ou coisas, ou situações, que servem para justificar atitudes aversivas contra outros indivíduos pela pertença a um determinado grupo. Conseqüentemente, estas ideias e atitudes levam a comportamentos discriminatórios. Desta forma, o conceito de estigma está intimamente ligado à discriminação uma vez que pessoas com estigmas são frequentemente discriminadas. Ainda relativo a estes conceitos mostra-se indissociável o conceito de exclusão social, principalmente a exclusão social baseada no estigma.

### 1. Estigma

O estigma enquanto discriminação de grupos torna-se um conceito fundamental para o nosso trabalho.

No século XX, os processos de estigmatização e as suas conseqüências começaram a ser aprofundadas por Goffman (1963; 1990), e foi com este autor que surgiu o conceito de estigma mais utilizado até à atualidade. Estamos perante um processo de estigma quando um grupo de pessoas confere um valor negativo a outro grupo, normalmente minoritário (Goffman, 1963; 1990). Este valor pode advir de diversos tipos de características presentes nestes grupos (deformidades físicas, condições de carácter individual como crenças falsas e rígidas, alcoolismo, homossexualidade, desemprego, vícios) e aspetos coletivos (raça, nação ou religião) e que se tornam identificadas dos mesmos.

Este tipo de estigma não é uma característica da atitude da pessoa, mas uma conseqüência grupal do desvio, ou seja, uma reação do grupo à ofensa em relação a determinadas normas consideradas prescritivas. Assim, uma pessoa é estigmatizada quando possui uma característica considerada desviante da norma estabelecida (Jones et al., 1984 *cit in* Barbosa, 2010). Este tipo de estigma desenvolvido por Becker (1963) encontra-se fortemente associado aos Swingers que, pela escolha da prática sexual, são considerados como um grupo à parte, desviantes.



### 1.1. Estereótipos, Preconceito, Discriminação e Estigmatização

Antes de falarmos de estigmatização, mostra-se adequado clarificar alguns conceitos que não podem ser dissociados, tais como, preconceito, estereótipos e discriminação. A estigmatização resulta da discriminação, a discriminação por sua vez emerge dos estereótipos que a sociedade suporta e dos preconceitos das pessoas que a incorporam (Stangor, 2000).

O estereótipo é definido por Alport (1979/1954) como “uma crença exagerada associada a uma categoria. A sua função é justificar (racionalizar) a nossa conduta e relação a essa categoria [...] não é idêntico a uma categoria: é mais uma ideia fixa que acompanha a categoria” (p. 191, *cit in* Vala & Monteiro, 2013). Walter Lippman (1922) simplifica e diz que são “as pequenas imagens que levamos para todo o lado dentro das nossas cabeças (Marques, Páez & Pinto *cit in* Vala & Monteiro, 2013). Para a Psicologia social, o estereótipo é caracterizado por uma crença ou representação simplificadora e rígida, normalmente compartilhada por um grupo alargado da sociedade, quer sejam dirigidas a pessoas, grupos ou instituições. Frequentemente o estereótipo é considerado “caricatural e unificador, sendo os traços atribuídos isolados de um complexo de traços e sendo ignoradas as diferenças e cambiantes. Os caracteres nacionais, étnicos ou raciais (tal como representados nas opiniões populares), são exemplos de estereótipos” (Richelle, *cit in* Doron & Parot, 2001, p.305).

“ *[O preconceito é] uma atitude aversiva ou hostil contra uma pessoa que pertence a um grupo, simplesmente porque ela pertence a esse grupo, presumindo-se, portanto, que ela tem as características censuráveis atribuídas a esse grupo*” (Alport, 1954, p.7-8, *cit in* Vala & Monteiro, 2013). O termo preconceito pode então ser definido como uma atitude desfavorável relativamente a membros pertencentes a um determinado grupo, baseada na pertença a esse grupo e não necessariamente nas características individuais dos membros (Alport, 1954, *cit in* Neto, 1998), isto é, atitudes desfavoráveis dirigidas a um grupo social ou aos seus membros tendo por base a sua pertença grupal. A cognição e a afetividade constituem as componentes do preconceito. Assim, a cognição refere-se às crenças ou crenças que compõem a atitude – Estereótipos. A afetividade diz respeito ao tipo de emoções associadas à atitude (negativa) e à sua intensidade – Preconceito. Por último, o comportamento relata as condutas associadas à atitude, o que desencadeia – Discriminação. Consequentemente, a discriminação é a manifestação comportamental do preconceito. Aquando da discriminação, os membros de um determinado grupo são tratados de modo

positivo ou de favorecimento (discriminação benevolente) ou de modo negativo ou prejudicial (discriminação hostil) por causa da sua pertença a esse mesmo grupo (*idem*).

A estigmatização é uma reação da exclusão enquanto resposta discriminatória e, serve diversas funções para os membros que estigmatizam, nomeadamente redução de ansiedade, melhoria da autoestima, redução dos custos associados à sobrevivência do grupo, entre outros (Major & Eccleston, 2005). Miller e Kaiser (2001) constataram que o estigma está tão intimamente relacionado com a rejeição e a exclusão que, as atitudes preconceituosas em relação aos membros de grupos estigmatizados são frequentemente medidas perguntando às pessoas para indicar a distância social que querem manter com os membros do grupo estigmatizado.

Major e Eccleston (2005) consideraram um tipo de exclusão baseada no estigma, uma vez que consideram que a exclusão social é uma característica do estigma e que difere de outras formas de exclusão social, tais como a rejeição não estigmatizada. A exclusão baseada no estigma é consensual, ou seja, existe um consenso geral dentro duma cultura de que certos tipos de pessoas devem ser excluídos, ao invés de se basear em atitudes idiossincráticas. Por fim, a exclusão baseada no estigma é considerada justificável, ou seja, por vezes dentro de uma determinada cultura há acordo de que a exclusão do estigmatizado é legítima (Candall, 1994, *cit in* Major & Eccleston, 2005). Este último aspeto da exclusão é frequentemente associada a uma “exclusão moral” ou psicológica, uma vez que os grupos são moralmente excluídos (não fisicamente excluídos da sociedade) sendo percecionados como fora dos limites nos quais os valores morais, as regras e as considerações de justiça se aplica (Opotow, 1990, *cit in* Major & Eccleston, 2005). Esta exclusão psicológica materializa-se em reações como ostracismo, implicando que os grupos estigmatizados participem cada vez menos na vida ativa e valorizada da sociedade (Levine, 1990). Assim sendo, não é de estranhar a relação entre grupos estigmatizados e a realização de atividades ilegais e clandestinas, sendo estas percebidas por estes indivíduos como o único meio de poderem alcançar objetivos sociais relevantes (Merton, 1968). No fundo, a estigmatização procura afastar os membros ou grupos estigmatizados da vida ativa do grupo, sendo assim uma reação exclusiva.

## 2. Swing – Troca de Casais

Pelo seu carácter desviante, o swing está fortemente associado a processos de estigmatização por parte dos membros normativos que se regem pela norma social estabelecida como fundamental para uma relação, a monogamia.

Na Roma Antiga praticamente se consentia todas as formas de preferência sexual, e há ainda, efetivamente, uma enorme variação nas atitudes relativamente à preferência sexual (Gosslin & Wilson, *cit in* Neto, 1998). É com o aparecimento do Cristianismo que as normas sociais acerca do comportamento sexual se tornaram mais intransigentes. Neste sentido, o heterossexismo é um sistema de crenças culturais, de valores e de hábitos que enaltece a heterossexualidade e estigmatiza qualquer forma de comportamento ou identidade não heterossexual (Bm, 1993; Herek et al., 1991 *cit in* Neto, 1998).

A maior parte dos estudos existentes na linha teórica apresentada dedicaram-se a estudar a reação de membros normativos face a um membro do que se desvia, quer seja do endogrupo ou do exogrupo. Posto isto, considerámos interessante e pertinente estudar as reações ao desvio dentro de um grupo desviante, comparativamente com um grupo normativo. Assim, por ser uma prática não aceite pela sociedade tradicional e considerada como desviante, escolhemos o swing e os seus participantes como objeto de estudo.

A origem do swing é algo inexato e embora não haja nenhum acontecimento que possa ser reconhecido como o marcador do início da prática de swing (Bergstrand & William, 2000; Butler, 1979), parece que o swing resultou de uma evolução natural de um movimento que começou no século XIX, que gerou o termo *amor livre* como um conceito prático. Grey Telase (1980) investigou o aparecimento de “clubes de chaves” (Keys Clubs) durante o período da II Guerra Mundial, clubes criados pelos pilotos de guerra da Força Aérea. Esta denominação conhecida por “clubes de chaves” teve origem no procedimento de partilha das mesmas, ou seja, as chaves dos pilotos eram colocadas num chapéu e no final das festas sociais na base, os maridos retirariam uma das chaves ao acaso para determinar qual das esposas iria ser a sua parceira sexual durante a noite (Telase, 1980; Morgado, 2006; Fernandes, 2009). Terry Gould (1999) encontrou nos relatos dos pilotos um género de “acordo” entre estes para cuidarem das suas esposas como se fossem deles, emocionalmente e sexualmente, caso morressem ou desaparecessem. Foi, então nestas comunidades de pilotos que o conceito de compartilhamento passou a incluir a partilha do cônjuge, as interações sexuais e a troca

de mulheres tornou-se comum e aceitável (McGinley, 1995; Gould, 1999). Em Portugal pensa-se que o fenómeno está presente há já alguns anos, sendo que algumas referências apontam para o seu início a Norte do país na década de 60 com um casal swinger, em que o marido era emigrante dos EUA (Bértolo, 2009).

O termo “swinger” apareceu por volta de 1970 e substituiu a terminologia anterior de troca de esposas (*wife-swapping*). A designação troca de esposas foi abandonada pois implicava uma objetivação da mulher como uma “coisa” ao invés de um indivíduo (Jenks, 2001, *cit in*, Serina, Hall, Caimbrone & Puah, 2012/2013); era considerada pelos apoiantes do sexo co-marital como uma sugestão de desigualdade sexual, pois presumia que os maridos trocavam as esposas como mercadorias ou bens, e as mulheres eram meras participantes relutantes que obedeciam aos desejos dos seus maridos, que as trocavam como quisessem (Denfeld & Gordon, 1970).

Na década de 1980, os participantes da comunidade de swing começaram a referir-se ao seu envolvimento em comportamento sexual extra diádico como um estilo de vida, com a intenção de lançar o termo estereotipado swinger (Gould, 1999). Atualmente, um casal que se identifica como swinger são casais adultos consensuais que concordam em comprometer-se em interações sexuais com outros casais que também se comprometem com o swing (Jenks, 1985; Rubin, 2001; Bergstrand & William, 1970; Denfeld & Gordon, 1970; McGinley, 1995). No swing, a monogamia emocional e a relação amorosa mantêm-se o foco principal da relação, e a atividade sexual extra diádica é considerada como sexo recreativo apenas e não afeta a relação primária do casal (Bergstrand & William, 2000).

O swing parece ser fruto de um processo recente da liberalização de costumes e publicitação de estilos de vida alternativos à sexualidade (Heilborn, 1996). Existem dois tipos possíveis de ocorrência de swing – *aberto* ou *fechado*. O swing *aberto* ocorre quando o casal se envolve em atividade sexual com outro casal no mesmo quarto, e swing *fechado* acontece quando a troca se dá em quartos separados (Jenks, 2001). Dentro da possibilidade de swing aberto ou fechado existe ainda, dois tipos de prática – *soft* e *hard* – que serve para descrever a quantidade de contacto sexual. Neste sentido, o *soft* swing corresponde à troca de parceiros onde não existe penetração, dá-se apenas carícias, beijos ou sexo oral; o *hard* swing refere-se à troca de companheiro onde existe a penetração.

### 3. Swing, e Desvio

Uma vez que era nossa intenção estudar a reação face ao desvio não só em grupos normativos como também em grupos desviantes foi necessário criar um comportamento desviante que fosse percebido desta forma dentro dos dois grupos.

O casamento monogâmico tem sido tradicionalmente considerado como o único contexto em que o comportamento e a expressão sexual recebem aprovação da sociedade. Neste sentido, o swing desvia-se do modelo de amor romântico (Boekhout et al., 1998-99, *cit in* Viwarpanich, 2010), uma vez que viola um valor fundamental para as relações de monogamia – a fidelidade – sendo considerado um comportamento desviante, logo é considerado socialmente inaceitável e assim desencorajado (Frank, Anderson & Rubinstein, 1979 *cit in* Fernandes, 2009). Visto que a desviância é produzida pela sociedade, e que são os grupos sociais criam as regras e que as aplicam à população, considerando desviantes os que infringem as regras num determinado momento (Becker, 1963), os swingers são vistos como moralmente desviantes e assim estigmatizados.

Posto isto, impõe-se a questão da fidelidade. Devido ao estilo de vida sexual que adotam, os swingers trocam constantemente de parceiros sexualmente, e desta forma leva-nos a questionar a importância do valor da fidelidade para estes, deduzindo que para eles a fidelidade pode não ser um valor fundamental a ser respeitado. Contudo, na prática não é assim tão linear. Weid (2006) partiu do princípio que ser-se infiel era quebrar um acordo existente entre os parceiros, fazer algo fora do previsto, era mentir ou esconder do parceiro. Num estudo realizado em 2002 com mulheres swingers, concluiu cerca de 40% das participantes considera que ser infiel é mentir ou trair a confiança do parceiro. Assim, entre os casais swingers, a infidelidade parece estar relacionada com esta conceção, e o facto de se relacionar sexualmente com outra pessoa, desde que seja com o consentimento do parceiro, não constituiria uma infidelidade (Weid, 2002 *cit in* Weid, 2006). Ainda, Goldenberg (2004) elaborou um estudo do qual concluiu que a infidelidade aparece como o segundo maior problema dos relacionamentos, seguido do ciúme. Neste sentido, os casais que aderem à prática de swing não teriam esse problema, uma vez que têm a liberdade de se relacionar sexualmente com outras pessoas.

Sumarizando, os casais que assumem uma relação tradicional monogâmica, valorizam a fidelidade não com base nas prescrições morais, mas sim por uma disposição consciente de pessoas que se amam, exigem direitos iguais no campo da

sexualidade e têm medo de acabar com um relacionamento amoroso por causa de uma aventura (Goldenberg, 2000). Por outro lado, os praticantes de swing consideram que a possibilidade de viverem aventuras sexuais dentro do próprio casamento tornaria uma eventual traição de um dos parceiros ainda mais grave, tornando-se uma atitude inadmissível (Béjin, 1987) e consequentemente penalizam os membros que se desviam, ou seja, que traíram. Em termos prescritivos, os swingers não se comportam de acordo com um valor fundamental da sociedade, apesar disto, tendem a tornar-se mais punitivos se um dos membros do casal for infiel fora do contexto da prática de swing.

### **CAPITULO III**

#### **1. Enquadramento e Hipóteses Gerais**

Partindo do racional teórico apresentado acima, o objetivo central do estudo empírico principal é verificar se os membros de um grupo estigmatizado (swingers) reagem de forma mais intensa perante um membro desviante por comparação com um grupo não estigmatizado. Com efeito, uma vez que o estigma é ameaçador a uma identidade social positiva, a perceção de existência de desvio no seio destes grupos pode ser vista como mais ameaçadora por “confirmar” o estereótipo negativo deste grupo. Desta forma, estes desviantes deveriam desencadear reações mais extremas no seio dos grupos estigmatizados. Em suma, pretendemos testar a ideia de que os membros de grupos estigmatizados se tornam “hipernormativos” perante um membro endogrupal que se desvia.

Com o objetivo de examinar esta ideia, realizámos um estudo quasi-experimental, no qual comparámos participantes membros de um grupo à partida socialmente estigmatizado (swingers) com participantes ditos “normativos” (não swinger) quanto aos seus julgamentos sobre um caso clínico (fictício) acerca de um casal (swinger vs não swinger) que foi a terapia de casal porque um dos seus elementos – homem - traiu a esposa.

Metade dos participantes de cada grupo foi informada de que o casal praticava swing, enquanto nada foi dito acerca da prática sexual do casal na outra metade. Resumindo, os participantes poderiam fazer parte de uma de 4 condições: (1) participantes swingers que julgaram alvos swingers; (2) participantes swingers que julgaram alvos não swingers; (3) participantes não swingers que julgaram alvos swingers; e (4) participantes não swingers que julgaram alvos não swingers.

Apos a leitura do caso clínico, cada participante avaliou os dois membros do casal, e indicou em que medida consideraram que o membro traidor tinha violado princípios que os participantes consideraram como determinantes a serem respeitados na sua e em qualquer relação equilibrada e satisfatória. Os participantes teriam posicionaram-se ainda, relativamente a um conjunto de estratégias punitivas em relação ao membro traidor.

Tendo em conta o Efeito Ovelha Negra, esperamos que, no geral, o membro traidor do endogrupo sejam avaliados de forma mais negativa, e o membro vítima da traição do endogrupo, de forma positiva do que os respetivos membros do exogrupo.

Prevemos ainda que este feito seja maior para os participantes swingers, uma vez que este grupo deverá sentir-se mais ameaçado perante este membro desviante.

Quanto aos valores que consideram que foram violados pelo membro traidor, esperamos que seja o grupo dos participantes swingers que percebam uma maior violação destes valores, tornando-se, desta forma, mais prescritivos em relação ao membro traidor.

Por fim, em relação às estratégias de reação, esperamos que os participantes swingers sejam mais punitivos e prescritivos em relação ao membro swinger traidor do que os participantes não swingers, uma vez que por serem um grupo que se rege por regras muito rígidas, a infidelidade torna-se uma forte violação aos valores fundamentais para uma relação equilibrada e satisfatória, e consequentemente, considerarão esta atitude imperdoável. Esperamos, por isso, reações mais radicais no seio do grupo swinger do que no não swinger (nomeadamente reações de fim da relação). Na condição não estigmatizada, os participantes deverão ser também punitivos para com o desviante do endogrupo, contudo esta punição será mais ligeira, enfatizando estratégias mais direcionadas para a ressocialização do desviante endogrupal. Esta hipótese é justificada pelos pressupostos da dinâmica de grupos subjetiva. Segundo esta teoria, só através da punição dos desviantes endogrupais, é que os membros conseguem legitimar a força dos padrões normativos do endogrupo, e consequentemente, legitimar um valor positivo para a sua identidade social (Marques, Paez & Abrams, 1998).

Com o objetivo de construir de forma adequada o material para o estudo principal, realizámos dois estudos-piloto (um com participantes swingers e outro com participantes não swingers), no qual procurámos perceber quais os valores e comportamentos que ambos os grupos consideram como fundamentais para orientar as relações entre casais, e perguntámos ainda aos participantes swingers que características e comportamentos definiam a sua prática sexual. Uma vez que era fundamental encontrar valores comuns para ambos os grupos, o objetivo desta última questão era o de eliminar valores, comportamento ou normas que fossem características apenas do grupo swinger.



## 2. Estudo Piloto 1

### 2.1 Participantes

Foi levado a cabo um estudo piloto efetuado através de um questionário (cf. Anexo 1) que contou com a participação de 9 pessoas praticantes de swing. Do total, 4 eram do sexo feminino e 5 do sexo masculino, cujas idades variaram entre 32 e 52 anos.

### 2.2 Procedimento e Medidas

Por ser uma população de difícil acesso, o questionário foi dirigido por um informante, que se encarregou de entregar os questionários aos participantes. Foi-lhes informado, que a sua participação seria útil para a preparação do estudo principal, e que pretendíamos obter a sua perceção enquanto praticantes de swing sobre valores, regras, características e/ou comportamentos descritivos e específicos da sua prática, a fim de identificar quais os valores e normas que iríamos manipular experimentalmente no estudo principal.

Os participantes tinham de seleccionar, de entre 21 valores (respeito, confiança, humildade, honestidade, partilha, educação, integridade, justiça, cooperação, amizade, responsabilidade, democracia, fidelidade, honra, solidariedade, igualdade, liberdade, fé, caridade, tolerância, humanismo, altruísmo) quais os que a prática de swing respeita e desrespeita.

Os participantes descreveram ainda 5 regras que deveriam ser respeitadas nesta prática sexual, e 5 características ou comportamentos típicos dos praticantes de swing por comparação a pessoas não praticantes.

### 2.3 Resultados

#### *Valores*

Relativamente aos valores que a prática de swing respeita, os 9 participantes assinalaram maioritariamente o “respeito” e a “partilha” (ambos seleccionados pelos 9 participantes), a “confiança”, a “igualdade” e a “liberdade” (8 pessoas para ambas). Segue-se a “tolerância” com 5 resultados assinalados, a “responsabilidade” com 4, a “amizade” e a “fidelidade” com 3, a “educação” com 2, e a “cooperação”, a “honestidade”, a “solidariedade” e o “altruísmo” com 1 pessoa cada um. Os valores de “cooperação”, “humildade”, “democracia”, “honra”, “fé/caridade” e “humanismo”, não foram assinalados por nenhum dos participantes, sendo desta forma considerados, pelos mesmos, como valores que a prática de swing não respeita.

A segunda pergunta remetia precisamente para o contrário, os valores que a prática de swing desrespeita. Contudo esta questão foi bastante contestada pelos participantes por acharem que não fazia sentido, uma vez que era o oposto da primeira questão e que se não tinham selecionado alguns valores na anterior era porque já consideravam que a prática de swing não os respeitava. Relativamente a esta questão, apenas 3 pessoas responderam, sendo que consideraram o “altruísmo” e a “fé/caridade” como os principais valores que a prática desrespeita (2 resultados), seguindo-se a “honestidade”, a “solidariedade” e a tolerância, com 1 resultado cada um.

### *Regras*

Relativamente às regras, que os participantes consideravam indispensáveis a serem respeitadas, salienta-se o “respeito” como maioritariamente citado (7 pessoas), contudo distingue-se dentro desta categoria outras respostas como: “não significa mesmo não”, “aceitar a rejeição”, “respeito pela individualidade”, “respeito pela diferença”, “respeito pela privacidade de cada um” e “respeitar a vontade dos outros” (cada resposta dada por uma pessoa, à exceção do “respeito pela individualidade”, “respeito pela diferença” e do “respeito pela privacidade de cada um” que foram referidos pela mesma pessoa). Para além de considerarem o “respeito” no geral, alguns participantes também consideraram outras respostas como as mencionadas anteriormente. Outra regra que os participantes tiveram em conta como fundamental foi a “higiene” (mencionada por 3 pessoas) e dentro desta categoria também apareceu uma resposta referente à “aparência cuidada”. Segue-se a “educação”, a “honestidade” e a “confiança entre os parceiros”, referidas cada uma por 2 pessoas, e por fim, apenas referenciadas por uma pessoa sucede-se o “saber-estar”, o “altruísmo”, a “partilha”, a “tolerância” e o “conhecer os limites de cada um”.

### *Características e/ou comportamentos*

Relativamente às características e/ou comportamentos típicos dos praticantes de swing por comparação com pessoas não praticantes, não existiram muitas respostas idênticas, todavia as características mais mencionadas pelos participantes foram a “partilha”, “mais cuidado com o aspeto físico” e “maior cumplicidade”, com 2 pessoas cada. Com uma resposta apenas obtivemos a “higiene” e “maior autoestima”, incluídas dentro da categoria do “cuidado com o aspeto físico” (já mencionado duas vezes), considerou-se também a “maior abertura ao diálogo” e “mais à vontade ao abordar o

sexo”, dentro da categoria do “diálogo”, e o “receio de descoberta” e a “liberdade de expressão comprometida”, na categoria “omissão/mentira”. Outras características referidas pelos participantes, também apenas uma vez, foram, o “aumento da frequência das saídas noturnas”, a “liberalidade”, o facto de serem “mais liberais”, e a “relação entre o casal mais forte”, a “tolerância” e o facto de “gostar de ver o/a parceiro/a a ter prazer”.

Este estudo piloto trouxe para o estudo principal os valores mais importantes para este grupo de participantes.

### 3. Estudo Piloto 2

#### 3.1 Participantes

Foi levado a cabo um segundo estudo piloto efetuado através de um questionário (cf. Anexo 2) que contou com a participação de 24 pessoas normativas, ou seja, não praticantes de swing. Do total, 14 eram do sexo feminino e 10 do sexo masculino, cujas idades variaram entre 24 e 55 anos. Tivemos o cuidado de procurar participantes não swingers que correspondessem a uma amostra emparelhada da dos participantes swingers do estudo anterior, no que diz respeito às variáveis sexo e idade.

#### 3.2 Procedimentos e Medidas

O questionário foi entregue aleatoriamente a casais normativos, que não tivessem qualquer tipo de prática sexual fora do tradicional monogâmico. Foi explicado aos inquiridos que o estudo visava conhecer os valores presentes na vida sexual das pessoas.

Este estudo contou apenas com uma questão, na qual foram apresentados 50 valores para serem classificados numa escala de 7 pontos (1=nada respeitados, 7=totalmente respeitados; cf. Anexo 2) conforme o grau de concordância dos participantes relativamente aos que deveriam ser, mais ou menos, ser respeitados na vida sexual dos casais.

As medidas consideradas foram os valores a seres respeitados na vida sexual dos casais. Os valores foram avaliados através de um conjunto de 50 valores.

### 3.3 Resultados

*Valores.* A população foi emparelhada e foram retirados os valores que eram igualmente valorizados para ambas as relações. Foi escolhida a mentira como forma de manipular o desvio.

## 4. Estudo Principal

### 4.1 Participantes

Este estudo contou com a participação de 80 indivíduos (40 do sexo feminino e 40 do sexo masculino), subdivididos em duas categorias, 40 sujeitos praticantes de swing e 40 sujeitos não swingers. Os praticantes de swing tinham idades compreendidas entre 21 e os 60 anos ( $M=35.35$ ;  $DP=9.37$ ), e os não praticantes de swing tinham idades compreendidas entre os 21 e os 60 anos ( $M=41.90$ ;  $DP=9.36$ ). As amostras foram emparelhadas, ou seja, recolheram-se indivíduos de ambos os grupos com as mesmas principais características demográficas.

### 4.2 Plano Experimental

O estudo seguiu um plano experimental 2 (Grupo: swing vs. não swing) x 2 (Alvo: Francisco Swing vs. Francisco não swinger).

### 4.3 Procedimento

A recolha de dados para alguns dos praticantes de Swing foi efetuada através de um casal informante que funcionou como ponte entre o investigador e a população-alvo. O casal informante encarregou-se de distribuir os questionários no clube de Swing que frequentavam. Os restantes questionários foram entregues pelo investigador a outra informante que se encontrava na área dos Swingers, no decorrer do VI Salão Erótico no Porto. Foi feito um contacto com um dos responsáveis pelo salão erótico com a finalidade de se obter uma autorização para a recolha de dados no local, no qual foi explicado o objetivo de estudo, tendo sido também mostrado o questionário em questão. Já dentro da feira erótica, na área dos swingers, explicou-se a uma praticante o propósito do estudo e pediu-se a sua colaboração e a de outros casais, tornando-se assim na segunda informante, responsável para distribuição e recolha dos restantes questionários.

A recolha de dados para os não swingers foi feita em consonância com os questionários dos praticantes de swing, numa tentativa de não existir muitas

discrepâncias relativamente às idades de ambos os grupos de pertença. Para tal, os questionários foram entregues a indivíduos próximos do investigador.

*Manipulação da Pertença Grupal.* No questionário estava exposto um caso clínico, apresentado como verídico e decorrente num consultório de terapia de casal, no qual era abordado o tema da traição. Em metade dos questionários havia a informação de que o casal praticava swing: “Lúcia e Francisco informaram ainda que o casal pratica swing, sendo esta prática satisfatória para ambos” (cf. Anexo 3) e, na outra metade não havia informação de qualquer prática sexual diferente (cf. Anexo 4).

#### 4.4 Medidas Dependentes

Os participantes responderam a três conjuntos de medidas dependentes: avaliação dos membros-alvo, avaliação do alvo desviante e estratégias de reação aos membros-alvo.

*Avaliação dos Membros-Alvo.* Após a leitura do caso clínico do casal, os participantes tinham de avaliar os membros-alvo (Francisco e Lúcia) em oito traços bipolares: (1) desrespeitador – respeitador; (2) não confiável – confiável; (3) insensato – sensato; (4) má pessoa – boa pessoa; (5) não inteiro – inteiro; (6) desleal – leal; (7) imoral – moral; (8) mau exemplo – bom exemplo. Cada par de traços correspondia aos pólos de uma escala de 7 pontos (1=avaliação negativa; 7=avaliação positiva). A partir dos julgamentos nestes oito itens, calculou-se um índice de avaliação para cada um dos membros-alvo aferida a partir da média dos traços do Francisco ( $M=2.45$ ;  $\alpha$  Cronbach=0.93) e da média dos traços da Lúcia ( $M=5.65$ ;  $\alpha$  Cronbach=0.94) nas duas condições (swinger e não swinger).

*Valores Violados.* Após lerem o caso clínico exposto, os participantes tinham também de avaliar o membro-alvo principal, o Francisco, de acordo com 8 princípios: (1) responsabilidade; (2) verdade; (3) respeito; (4) igualdade; (5) confiança; (6) fidelidade; (7) liberdade; (8) partilha. Para cada princípio correspondia uma escala de 7 pontos (1=nada violado; 7=totalmente violado). Escolheu-se o Francisco como membro-alvo principal uma vez que este é quem comete a traição e representa a razão pela qual o casal se encontra em terapia de casal. Submetemos os itens a uma análise fatorial com rotação Varimax, da qual foram extraídos dois fatores (cf. Tabela 3) que explicam 41.41% e 31.26% da variância, respetivamente. Classificámos esses fatores de conservadores (fator 1) e igualitários (fator 2), e agrupámos os itens numa medida única para cada fator ( $\alpha$  Cronbach= 0.88 e 0.87, respetivamente).

*Estratégias de reação aos membros-alvo.* Após a avaliação dos membros-alvo e do alvo desviante, os participantes foram questionados acerca de medidas que poderiam ser adotadas pelo casal para lidar com a traição do Francisco. As estratégias sugeridas foram: (1) Para a relação sobreviver, Lúcia deve aceitar Francisco tal como ele é e não deve esperar mudanças; (2) Acredito que Francisco pode ser um bom marido, mesmo continuando a trair Lúcia; (3) Acredito que Francisco poderá ser o marido que Lúcia deseja; (4) Acredito que Francisco irá deixar de trair Lúcia; (5) Acredito que o processo de terapia de casal será eficaz; (6) Este casamento tem hipótese de se tornar bem-sucedido; (7) Acredito que Francisco conseguirá corresponder às expectativas de Lúcia; (8) Ambos os cônjuges deveriam lutar pela relação; (9) Lúcia deve continuar a manter as mesmas expectativas e exigir que Francisco mude o seu estilo de vida; (10) Lúcia deve acabar com a relação. Para cada estratégia correspondia uma escala de 7 pontos (1=discordo totalmente; 7=concordo totalmente). Submetemos os itens a uma análise fatorial com rotação Varimax, da qual foram extraídos três fatores (cf. Tabela 4) que explicam 32.03%, 18.90% e 18.42% da variância, respetivamente. Classificámos esses fatores de Aceitação (fator 1), Francisco (fator 2) e Relação (fator 3) e agrupámos os itens numa medida única para cada fator ( $\alpha$  Cronbach= 0.72, 0.88 e 0.46, respetivamente).

## 5. Resultados

*Avaliação dos Membros-Alvo.* Relativamente à avaliação dos membros alvo esperávamos um padrão avaliativo consistente com o efeito ovelha negra para ambos os grupos de participantes. Prevíamos que fosse mais forte na condição swinger a avaliar Francisco Swinger.

### *Avaliação do Francisco*

Realizámos uma ANOVA Grupo x Alvo sobre a Avaliação do Francisco. Obtivemos apenas um efeito significativo de Grupo,  $F(1,76) = 4.33, p = .041, \eta^2 = .054$ . O efeito de Alvo não se mostrou significativo,  $F(1,76) = 1.67, ns$ , bem como a interação entre os dois fatores,  $F(1,76) < 1$ . Os resultados mostraram que os participantes swingers avaliam melhor o membro desviante ( $M = 2.61; DP = 1.18$ ) e que os participantes não swingers avaliam mais negativamente um membro desviante ( $M = 2.31; DP = 0.78$ ). A nossa hipótese foi parcialmente verificada.

### *Avaliação da Lúcia*

Uma ANOVA Grupo x Alvo sobre a Avaliação da Lúcia mostrou uma interação significativa,  $F(1,76) = 7.05$ ,  $p = .010$ ,  $\eta^2 = .085$ , um efeito significativo de Grupo,  $F(1,76) = 10.23$ ,  $p = .002$ ,  $\eta^2 = .119$  e um efeito significativo de Alvo,  $F(1,76) = 6.68$ ,  $p = .010$ ,  $\eta^2 = .081$ . Os resultados mostram que os participantes swingers avaliam mais positivamente a Lúcia quando esta é swinger, e que os participantes não swingers avaliam mais positivamente a Lúcia quando esta é não swinger e penalizam-na mais quando ela é descrita como swinger.

Após a análise dos resultados verificamos que estes dão suporte parcial à nossa hipótese relativamente à avaliação do Francisco. Esperávamos encontrar um efeito ovelha negra nas duas avaliações: do Francisco e da Lúcia. Contudo, não encontrámos um padrão avaliativo consistente com a nossa hipótese na avaliação do Francisco, uma vez que na condição estigmatizada os participantes swingers avaliaram melhor o Francisco quando este era descrito como Swinger. Na condição não estigmatizada a hipótese foi confirmada e os participantes não swingers avaliaram pior o Francisco quando este era do endogrupo. Tal como prevíamos na avaliação da Lúcia, esta foi avaliada de forma mais positiva quando era descrita como membro do grupo dos participantes. No entanto, é de salientar que a Lúcia foi menos positivamente avaliada pelo participantes não swingers quando esta foi descrita como swinger. Assim, os participantes não swingers mostram um padrão de avaliação consistente com o efeito ovelha negra. No entanto, não temos a certeza se é a Lúcia não swinger que constitui um bom representante e um bom suporte normativo para o grupo, contribuindo, desta forma, para a validação de uma identidade social positiva, ou se a derrogação da Lúcia swinger constitui uma reacção de estigmatização dos não swingers sobre os swingers.

*Valores violados.* Prevíamos que o desviante endogrupal ameaçasse mais a validade subjetiva dos valores considerados fundamentais nas relações entre casais, tanto para participantes swingers como não swingers. Esperávamos que esta ameaça fosse ainda mais sentida pelos participantes swingers.

Realizámos duas ANOVA's Grupo x Alvo sobre Valores Conservadores e Valores Igualitários. Relativamente à ANOVA referente a Valores Conservadores (verdade, respeito, confiança e fidelidade) obtivemos um efeito significativo de Grupo,  $F(1,76) = 6.57$ ,  $p = .012$ ,  $\eta^2 = .079$  e um efeito significativo de Alvo,  $F(1,76) = 3.06$ ,  $p = .084$ ,  $\eta^2 = .039$ . A interação não é significativa,  $F(1,76) = 1.26$ , *ns*. Contrariamente ao

que se esperava, apenas os participantes não swingers consideram que estes valores foram mais violados pelo alvo endogrupal ( $M = 6.63$ ;  $DP = 0.56$ ) do que pelo alvo exogrupal ( $M = 6.05$ ;  $DP = 0.85$ ;  $t_{33,15} = 2.53$ ,  $p = .016$ ); para participantes swingers (alvo do endogrupo:  $M = 5.76$ ;  $DP = 1.00$ ; alvo do exogrupo:  $M = 5.85$ ;  $DP = 1.08$ ;  $t(38) < 1$ ).

Relativamente aos Valores Igualitários (igualdade, liberdade e partilha) obtivemos apenas um efeito significativo de Grupo ( $F_{1,76} = 2.83$ ,  $p = .097$ ,  $\eta^2 = .036$ ); para Alvo e Grupo x Alvo: ( $F_{1,76} = 1.02$ ,  $ns$  e  $F_{1,76} = 1.74$ ,  $ns$ , respetivamente). O efeito de grupo mostrou que os swingers consideraram mais do que os participantes não swingers que estes Valores Igualitários foram violados ( $M_{swingers} = 5.94$ ;  $DP = 1.04$ ;  $M_{n\tilde{a}o\ seingers} = 5.53$ ;  $DP = 1.18$ ). A nossa hipótese foi parcialmente verificada uma vez que apenas os participantes não swingers foram mais prescritivos com o membro endogrupal relativamente aos Valores Conservadores, enquanto os participantes swingers são mais prescritivos do que os não swingers no que diz respeito aos Valores Igualitários.

Observa-se que a hipótese acerca dos valores violados foi parcialmente verificada. Esperava-se que os desviantes do endogrupo ameaçassem mais a validade subjetiva dos valores do grupo e que esta ameaça fosse mais forte nos participantes swingers pela sua condição estigmatizada. Contudo, não encontramos um padrão avaliativo consistente com a nossa hipótese. Encontramos sim, para os participantes swingers, uma percepção de maior violação dos valores igualitários, enquanto os participantes não swingers demonstraram que o comportamento de traição seria uma violação maior aos valores conservadores. Estes resultados sugerem que os participantes não swingers valorizam mais os Valores Conservadores para a sua relação, enquanto os participantes swingers tendem a privilegiar os Valores Igualitários. Com efeito, os resultados relativos à intensidade da prescritividade sobre os valores e a percepção de ameaça demonstrada pelos participantes não swingers e swingers relativamente aos Valores Conservadores e Igualitários parecem-nos consistentes com as nossas hipóteses. Os grupos privilegiam valores diferentes e, consequentemente, são mais prescritivos em relação aos comportamentos que violam os valores que valorizam mais.

*Estratégias de Reação aos Membros-Alvo.* Prevíamos que os participantes swingers fossem mais punitivos e mais radicais relativamente ao traidor do casal swinger, e que adotariam medidas direcionadas para o fim da relação. Os participantes



não swingers seriam menos punitivos e adotariam medidas mais direcionadas para a ressocialização do membro traidor. Realizámos uma comparação das médias entre as condições, por estratégia de reação ao alvo traidor.

Os resultados mostraram que relativamente às estratégias “Lúcia deve aceitar Francisco sem esperar que ele mude”; “Francisco pode ser um bom marido, mesmo continuando a trair”; “Francisco pode ser o marido que Lúcia deseja” e, “ Francisco conseguirá corresponder às expetativas de Lúcia” os participantes swingers diferenciam-se dos não swingers, valorizando e acreditando mais nessas estratégias do que os não swingers.

Relativamente às estratégias “Francisco vai deixar de trair Lúcia” e, “hipótese de o casamento ser bem-sucedido”, os resultados mostram que os participantes não swingers diferenciam-se dos participantes swingers quando o Francisco não swinger é o traidor, e desta forma acreditam menos nestas estratégias que os participantes swingers.

Os resultados mostram que relativamente à “eficácia da terapia de casal”, ambos os grupos de participantes se mostram neutros quanto a esta estratégia. Os swingers acreditam que a terapia de casal pode ser eficaz, diferenciando-se quando os alvos são não swingers. Os participantes não swingers acreditam menos na terapia de casal quando o alvo é não swinger.

Para a estratégia “ambos os cônjuges deviam lutar pela relação”, os participantes swingers acreditam menos que ambos os cônjuges devem lutar pela relação quando o Francisco é swinger e, os participantes não swingers consideram mais que ambos os cônjuges devem lutar pela relação, principalmente se o Francisco é swinger.

Por fim, os resultados relativamente às estratégias “Lúcia deve continuar a manter expetativas e exigir que Francisco mude de estilo de vida” e, “Lúcia devia acabar com a relação”, os participantes swingers consideram que Lúcia não deve continuar com as expetativas e exigir que Francisco mude ao mesmo tempo que consideram menos que Lúcia deve finalizar a relação. Os participantes não swingers consideram que Lúcia deve continuar a manter expetativas e exigir que Francisco mude, ao mesmo tempo que consideram que Lúcia deve acabar com a relação, principalmente se o Francisco for não swinger.

Tabela 1

Médias das Estratégias de Reação aos Membros-Alvo

Estratégias	Grupo			
	Swingers		Não Swingers	
	In M (DP)	Out M (DP)	In M (DP)	Out M (DP)
Aceitar Francisco sem esperar mudanças?	3.10 (1.80)a	3.20 (2.04)a	1.80 (1.40)b	1.85 (1.09)b
Ser bom marido mesmo continuando a trair?	3.60 (1.10)a	3.95 (1.88)a	2.30 (1.69)b	2.75 (1.45)b
Pode ser o marido que Lúcia deseja?	3.95 (.85)a	4.00 (1.16)a	2.80 (1.40)b	3.15 (1.53)b
Francisco vai deixar de trair Lúcia?	3.42 (1.50)a	3.15 (1.23)a	1.95 (1.28)b	2.95 (1.57)a
Terapia de casal eficaz?	4.00 (1.49)ab	4.15 (1.23)a	3.35 (1.53)b	4.00 (1.08)ab
Hipótese de casamento bem-sucedido?	4.55 (1.15)a	4.25 (1.55)a	2.90 (1.48)b	4.00 (1.41)a
Francisco vai corresponder às expetativas?	4.10 (1.37)a	4.15 (1.09)a	2.65 (1.46)b	3.40 (1.35)b
Ambos lutar pela relação?	4.75 (1.25)b	5.10 (1.29)a	4.60 (1.93)b	5.85 (1.27)a
Manter expetativas e exigir que Francisco mude?	4.15 (1.42)a	4.35 (1.18)a	4.55 (2.35)a	4.88 (1.63)a
Acabar com a Relação?	3.80 (1.58)a	3.85 (1.18)a	4.60 (1.82)a	3.85 (1.46)a

Nota: Letras – índices diferentes correspondem a diferenças estatísticas significativas ( $p \leq .05$ )

Relativamente às estratégias de reação, os resultados encontrados não foram consistentes com o que prevíamos, tendo os participantes swingers mostrado reações menos punitivas para com o desviante endogrupal e os participantes não swingers mostraram-se mais radicais e punitivos relativamente ao desviante do endogrupo. Nas estratégias de aceitação do Francisco como ele é, de confiança de que Francisco será um bom marido mesmo continuando a trair, que será o marido que Lúcia deseja, que vai deixar de trair e que conseguirá corresponder às expetativas de Lúcia, os participantes swingers acreditam mais e são menos punitivos do que os participantes não swingers.

Relativamente à crença de que Francisco vai deixar de trair e de que Francisco conseguirá corresponder às expectativas, os participantes não swingers mostraram-se ainda mais punitivos quando o Francisco é do endogrupo. Relativamente às estratégias que impliquem uma desacreditação ou finalização da relação, como é o caso da estratégia relativamente à concordância do casamento ser bem-sucedido ou da estratégia de que Lúcia deve acabar com a relação, os participantes não swingers acreditam menos principalmente se o Francisco é não swinger, ou seja, são mais punitivos e consideram que a relação não tem futuro e deve terminar. Estas duas estratégias mostram uma contradição nos participantes swingers uma vez que estes concordam que devem lutar pela relação, contudo concordam menos quando o desviante é do endogrupo, ao mesmo tempo que concordam que a Lúcia não deve acabar com a relação. Provavelmente esta contradição está relacionada com o facto de os swingers acreditarem mais no Francisco e apoiarem medidas de desculpabilização e/ou aceitação do membro desviante do endogrupo e por isso não vêm motivos para a Lúcia finalizar a relação. Apesar da pouca consistência com a nossa hipótese, os resultados dos participantes não swingers são sólidos com a dinâmica de grupos subjetiva uma vez que através da derrogação do desviante, da valorização do membro normativo e do objetivo de pressionar o membro normativo a adotar estratégias que retomem a norma do grupo, os indivíduos restauram a coesão grupal e a crença de uma identidade social positiva.

## 6. Resultados Exploratórios

Perante os resultados obtidos sentimos necessidade de explorar alguns itens e perceber de que forma se relacionavam entre si, nomeadamente os valores relevantes para as relações dos participantes, as áreas de satisfação dos participantes, as estratégias de reação aos membros-alvo, a normatividade da relação dos participantes, a tradicionalidade da relação dos participantes e a aceitação da relação dos participantes pela sociedade.

*Valores relevantes para as relações dos participantes.* Realizámos uma ANOVA Grupo x Alvo sobre os valores relevantes para a vida dos participantes. Relativamente aos valores conservadores obtivemos um efeito significativo na interação entre os dois fatores,  $F(1,76) = 2.99, p = .088, \eta^2 = .038$ , um efeito significativo Grupo,  $F(1,76) = 6.31, p = .014, \eta^2 = .077$  e um efeito significativo Alvo,  $F(1,76) = 2.99, p = .088, \eta^2 = .038$ . Os resultados mostraram que os swingers valorizam menos os valores conservadores para a sua relação quando avaliam um alvo swinger ( $M_{\text{endogrupo}} = 6.04$ ;

$DP = 1.57$ ;  $M_{\text{exogrupo}} = 6.70$ ;  $DP = 0.50$ ) do que os participantes não swingers ( $M_{\text{endogrupo}} = 6.85$ ;  $DP = 0.31$ ;  $M_{\text{exogrupo}} = 6.85$ ;  $DP = 0.37$ ). Relativamente aos valores igualitários não se verificou um efeito significativo na interação dos dois fatores,  $F(1,76) = 1.18$ , ns nem um efeito Grupo,  $F(1,76) < 1$ , mas verificámos um efeito significativo Alvo,  $F(1,76) = 3.27$ ,  $p = .074$ ,  $\eta^2 = .079$ . Os resultados mostraram que quando os participantes swingers avaliam um alvo não swinger não enaltecem tanto os valores igualitários ( $M = 6.73$ ;  $DP = 0.44$ ).

Os resultados mostraram que os participantes não swingers são mais prescritivos com os alvos do endogrupo, mostrando uma resposta de maior ameaça aos Valores Conservadores. Por sua vez, contrariamente ao esperado, os participantes swingers valorizam menos os valores quando avaliam membros do endogrupo, adotam uma postura de desculpabilização do membro desviante do endogrupo, salientando assim menos os valores para a sua relação. Quando avaliam um alvo não swinger, os participantes swingers tendem a ser mais conservadores com os membros do exogrupo, possivelmente numa tentativa de mostrarem morais e enaltecerem a imagem positiva do grupo.

#### *Áreas de Satisfação da Relação*

Em primeiro lugar efetuamos uma comparação das médias dos participantes relativamente às diferentes áreas de satisfação da sua relação. Os resultados não mostraram diferenças significativas entre os grupos (cf. Tabela 2), contudo encontramos alguns dados interessantes. O Trabalho Doméstico foi a área de satisfação que obteve menos destaque por ambos os grupos de participantes, mostrando ser esta a área na qual os participantes se sentem mais insatisfeitos ( $M_S = 5.30$ ;  $DP = 1.57$ ;  $M_{NS} = 5.38$ ;  $DP = 1.74$ ). O Lazer foi a área de satisfação na qual se encontrou uma diferença maior ( $M_S = 6.18$ ;  $DP = 0.98$ ;  $M_{NS} = 5.78$ ;  $DP = 1.28$ ), mostrando que os participantes swingers se sentem mais satisfeitos nesta área do que os participantes não swingers.

Tabela 2

## Avaliação das Áreas de Satisfação da Relação

Áreas de Satisfação	Grupo			
	Swingers		Não Swingers	
	M	DP	M	DP
Trabalho Doméstico	5.30	1.57	5.38	1.74
Trabalho Profissional	5.88	1.04	6.08	0.83
Prática Sexual	6.18	0.79	6.13	1.27
Objetivos para Relação	6.05	0.88	6.10	1.06
Companheirismo	6.13	0.89	6.18	1.28
Lazer	6.18	0.98	5.78	1.28
Educação Filhos	6.18	1.42	6.06	1.03

*Associação entre os Valores Conservadores e Igualitários e Áreas de Satisfação da Relação*

Decidimos realizar Correlações Lineares Momento-Produto de Pearson para apurar se a satisfação com as várias áreas da vida se relacionam com a relevância dada aos valores relevantes para as relações que os participantes estabelecem com o(s) seu(sua) companheiro(a). Os swingers associam positivamente e de forma marginalmente significativa os Valores Conservadores com a Educação dos Filhos,  $r = .46$ ,  $p = .064$ . Este resultado significa que quanto mais os swingers valorizam para a sua relação os Valores Conservadores mais se sentem satisfeitos com a educação dos filhos. Por sua vez, relativamente aos participantes não swingers encontrámos uma correlação positiva entre os Valores Conservadores para a relação destes e a Prática Sexual ( $r = .42$ ,  $p = .045$ ), Objetivos da Relação ( $r = .40$ ,  $p = .085$ ) e Companheirismo ( $r = .63$ ,  $p = .003$ ). Isto significa que os casais não swingers quanto mais valorizam estes valores para a sua relação, mais satisfeitos se sentem relativamente à Prática Sexual, ao Companheirismo e aos Objetivos da Relação.

*Associação entre os Valores Conservadores e Igualitários relevantes para os participantes e Estratégias de Reação aos Membros-Alvo*

Os participantes swingers associam de forma negativamente significativa a hipótese do casamento do Francisco e da Lúcia ser bem-sucedido e os Valores Igualitários ( $r = -.31$ ,  $p = .06$ ) e os Valores Conservadores ( $r = -.33$ ,  $p = .04$ ). Também

associam negativamente os Valores Conservadores e a estratégia de que ambos os cônjuges deviam lutar pela relação ( $r = -.32, p = .05$ ). Relativamente aos participantes não swingers encontrámos uma correlação positiva entre fim da relação e os Valores Igualitários ( $r = .28, p = .09$ ) e os Valores Conservadores ( $r = .35, p = .09$ ). E ainda uma correlação negativa entre os Valores Conservadores e a Aceitação do Francisco sem esperar mudanças ( $r = -.34, p = .03$ ). Estes resultados mostram que os swingers quanto mais valorizam os valores relevantes para a sua relação, mais consideram que o casamento não irá resultar. Para estes participantes a violação dos valores importantes para eles dita o final da relação. Por outro lado, os participantes não swingers relacionam os valores relevantes para eles com atitudes que a Lúcia deve tomar, como o final da relação ou a aceitação do Francisco como ele é.

*Associação entre os Valores Conservadores e Igualitários Violados e Normatividade da Relação, Aceitação da Relação pela Sociedade e Tradicionalidade da Relação*

Os participantes swingers associam de forma negativa a Tradicionalidade da Relação e os Valores Igualitários ( $r = -.29, p = .08$ ) e os Valores Conservadores ( $r = -.49, p = .002$ ). Estes resultados mostram que quanto mais consideram que o Francisco viola os valores, tanto conservadores como igualitários, menos acham que a sua relação é tradicional. E nos participantes não swingers encontrámos uma correlação positiva entre Valores Conservadores e Tradicionalidade da Relação ( $r = .30, p = .06$ ) e Normatividade da Relação ( $r = .34, p = .04$ ). Encontrámos ainda uma associação positiva entre Valores Igualitários e a Aceitação da relação pela Sociedade ( $r = .33, p = .04$ ). Estes resultados mostram que quanto mais os participantes não swingers consideram que o Francisco violou os valores conservadores, mais concordam com a normatividade e tradicionalidade da sua relação. E quanto mais acham que o Francisco violou os valores igualitários, mais concordam que a sua relação é aceite pela sociedade.

*Associação entre os Valores Conservadores e Igualitários Relevantes para os Participantes e Normatividade da Relação, Aceitação da Relação pela Sociedade e Tradicionalidade da Relação*

Nos participantes não swingers encontrámos uma correlação positiva entre a Aceitação da Relação pela Sociedade e os Valores Conservadores ( $r = .67, p = .001$ ) e os Valores Igualitários ( $r = .68, p = .001$ ). Encontrámos ainda uma associação positiva

entre os Valores Igualitários e a Normatividade da Relação ( $r = .53, p = .02$ ). Ambos perante um alvo swinger. Estes resultados mostram que os participantes não swingers quanto mais consideram que os valores, conservadores e igualitários, foram violados por um Francisco swinger, mais a sua relação é aceite pela sociedade. E quanto mais consideram que um Francisco swinger violou os valores igualitários, mais consideram a sua relação normativa. Na condição não swinger encontrámos uma correlação positiva entre os Valores Conservadores e a Normatividade da Relação ( $r = .47, p = .04$ ). Estes resultados mostram que os não swingers consideram que quanto mais os valores conservadores são violados por um Francisco não swinger, mais normativa é a sua relação. Estes resultados mostram-nos que os participantes não swingers preservam os valores conservadores e que os consideram importantes para a sua relação e que estes determinam quase a normatividade da relação. Contrariamente para os swingers não são os valores violados que determinam a normatividade da sua relação.

*Associação entre Áreas de Satisfação e Normatividade da Relação, Aceitação da Relação pela Sociedade e Tradicionalidade da Relação*

Efetuamos Correlações Lineares Momento-Produto de Pearson para apurar se as áreas de satisfação se relacionavam com a normatividade, a tradicionalidade e a aceitação da relação pela sociedade.

Nos participantes swingers encontramos uma associação positiva entre o Companheirismo e a Aceitação da Relação pela Sociedade ( $r = .39, p = .01$ ). Este resultado mostra que quanto mais satisfeitos se sentem relativamente ao companheirismo partilhado pelos membros da relação, mais consideram que a sua relação é aceite pela sociedade. Nos participantes não swingers encontramos uma correlação positiva entre a Normatividade da Relação e o Trabalho Doméstico ( $r = .38, p = .02$ ), o Trabalho Profissional ( $r = .37, p = .02$ ), a Prática Sexual ( $r = .42, p = .01$ ), o Companheirismo ( $r = .44, p = .01$ ) e o Lazer ( $r = .43, p = .01$ ). Também encontrámos uma associação positiva entre a Aceitação da Relação pela Sociedade e o Trabalho Profissional ( $r = .35, p = .03$ ), os Objetivos para a Relação ( $r = .41, p = .01$ ), o Companheirismo ( $r = .38, p = .02$ ) e o Lazer ( $r = .35, p = .03$ ). Estes resultados mostram que os participantes não swingers quanto mais satisfeitos se sentem relativamente ao trabalho doméstico, ao trabalho profissional, à prática sexual, ao lazer e ao companheirismo mais consideram a sua relação normativa. E que quanto mais satisfeitos se sentem no trabalho profissional, nos objetivos para a relação, no

companheirismo e no lazer mais consideram que a sua relação é aceite pela sociedade. Estes resultados mostram que as diferentes áreas de satisfação determinam a normatividade da sua relação e a aceitação da sua relação pela sociedade.

### 6.1 Discussão dos Resultados

Curiosamente os resultados exploratórios vão de encontro com as nossas hipóteses relativamente aos valores violados e às estratégias. Conforme já foi dito acima, a prescritividade relativa à violação dos valores relevantes para os participantes vai ao encontro das nossas hipóteses. Ao relacionarmos as estratégias de reação com os valores importantes para os participantes verificámos que são estes que comandam as estratégias a adotar, o que significa que vai de encontro à nossa hipótese. Assim, os resultados mostraram que relativamente aos participantes não swingers estes continuam a mostrar-se prescritivos para com o membro desviante e consideram que a relação deve terminar. Por sua vez, os swingers, que antes se tinham mostrado menos punitivos, mostram que os valores comandam a finalização da relação, ou seja, a violação dos valores relevantes para eles ditam o final e a desacreditação da relação.

Outros resultados interessantes que verificamos relacionam-se com a normatividade, tradicionalidade e aceitação da relação pela sociedade relativamente aos valores e às áreas de satisfação. Pudemos perceber que os swingers consideram que ao por em causa a validade subjetiva dos valores do grupo a sua relação é encarada como pouco tradicional. Por sua vez, para os participantes não swingers o facto do membro desviante colocar em causa a legitimidade subjetiva dos valores que consideram importantes para uma relação mostra o quão a sua relação é normativa, tradicional e aceite pela sociedade. Por fim, também as áreas de satisfação se mostraram relacionadas com a normatividade, tradicionalidade e aceitação da relação pela sociedade. Os participantes swingers mostram que a satisfação com o companheirismo partilhado com o/a parceiro/a se traduz numa aceitação da sua relação pela sociedade. Por outro lado os participantes não swingers relacionam todas as áreas de satisfação com a normatividade e a aceitação da relação pela sociedade, isto é, é a satisfação sentida nas diversas áreas da sua vida que comanda a normatividade e a aceitação da sua relação perante a sociedade.



## CAPITULO V

*“Behavior is the mirror in which everyone shows their image.”*

(Johann Wolfgang Von Goethe)

Este trabalho pretendia contribuir para a percepção da relevância da punição do desvio no restabelecimento da identidade social positiva no contexto das relações intragrupais e intergrupais. Desta forma, o nosso principal suporte teórico foi o modelo da dinâmica de grupos subjetiva (e.g. Marques, Páez & Abrams, 1998) que sugere o desvio endogrupal é uma ameaça à distintividade positiva do grupo. Perante um membro endogrupal que se desvia, os membros do grupo adotam uma focalização prescritiva em relação à norma social violada e reagem de forma negativa com os membros que violaram essa norma por forma a reforçar a coesão grupal, validando a norma e punindo o membro desviante. Ainda assim, os membros normativos do endogrupo são valorizados uma vez que potenciam uma diferenciação endogrupal positiva contribuindo também positivamente para o valor da identidade social. Os resultados obtidos são consistentes com esta ideia. As atitudes dirigidas ao desviante endogrupal propõem uma relação com a preocupação da identidade social, levando ao reforço desta. Em contrapartida, alguns resultados mostraram uma desculpabilização do membro desviante, na condição estigmatizada, possivelmente relacionada também com o reforço da identidade social positiva do grupo. Por serem um grupo estigmatizado é possível a ocultação do desvio para manter o valor da identidade social.

Partindo deste suporte teórico, no estudo principal manipulamos a pertença grupal para perceber se os membros de um grupo estigmatizado reagem de forma mais intensa perante um membro que se desvia por comparação com um grupo não estigmatizado. Os resultados não se mostraram consistentes com este objetivo uma vez que o grupo estigmatizado apresentou uma maior rejeição do desvio endogrupal, por comparação com o desvio exogrupal. Contudo, relacionando com outros campos pertinentes no seio de uma relação, os membros do grupo estigmatizado tornam-se mais punitivos com o membro desviante endogrupal, por comparação com o equivalente do exogrupo. Assim, colocando em causa a imagem social do grupo e a identidade social do mesmo, o membro desviante é mais rejeitado. Os membros do grupo não

estigmatizado mostraram-se sempre mais prescritivos e punitivos perante o desvio endogrupal por comparação com o membro equivalente do exogrupo.

Os resultados obtidos nesta dissertação contribuem para compreender alguns fenómenos sociais inerentes à nossa sociedade. A escolha do swing como atitude consensual e manifesta da autonomia sexual e direitos fundamentais na sexualidade (Gransprer, 2005), não é para os aderentes à prática um comportamento desviante, contudo perante uma crença de monogamia nas relações torna-se, aos olhos da sociedade, um comportamento desviante. Desta forma, sendo o desvio uma construção social, criado pelo próprio grupo, possibilita à sociedade distinguir os comportamentos normativos dos comportamentos desviantes permitindo redefinirem-se os valores, as normas e os objetivos e, ao mesmo tempo, que através da punição se reforça a coesão e a solidariedade social entre os membros. No entanto, os resultados deste estudo mostraram que os swingers não veem a punição do desviante como o fator mais importante, uma vez que percecionam a prática como um fenómeno complexo como qualquer outro comportamento social interpessoal, variável, individual e culturalmente contextualizado (Barker & Langdridge, 2009). Permite-nos ainda pensar numa reformulação dos conceitos existentes acerca da sexualidade, alertando para a necessidade de desmistificar o discurso social de estilos de vida sexual e de monogamia, desafiando os sistemas de crenças morais.

#### *Perspetivas para Investigação Futura*

Não pretendo falar em limitações do estudo porque considero que seja um descrédito ao trabalho efetuado. Contudo, sinto que nos deparámos com algumas dificuldades inerentes as imposições temporais que se traduziram numa dificuldade em conseguir testar a avaliação da história sendo a mulher o membro a trair. Para testar a possibilidade de existência de questões de género seria necessário arranjar o dobro dos participantes, incluindo swingers, e pela reduzida acessibilidade a estes contextos, também se torna difícil adquirir um número elevado de participantes.

Não sendo possível generalizar resultados, considero que este estudo poderá trazer implicações positivas para investigação futura, pois trás a possibilidade de conhecer o terreno e, consequentemente pode facilitar novos contactos. Pela estigmatização que a sociedade portuguesa subvaloriza perante estas práticas não normativas, este estudo trás ainda a oportunidade de conhecer com mais proximidade o fenómeno, contribuindo para a sua desocultação. Desta forma, considero pertinente a

continuação de investigação futura neste âmbito, procurando estudar as características, regras, práticas, expectativas e motivações do casal (características, práticas e contextos), os efeitos psicológicos da ocultação e da prática (por exemplo, explorar efeitos do ciúme), os significados da investigação reduzida na área e a escassez de projetos e intervenções relacionados com redução de riscos e minimização de danos.

## Referências Bibliográficas

- Abrams, D. & Hogg, M. A. (1990). *Social Identity Theory: Constructive and Critical Advances*. Nova Iorque. Harvester Wheatsheaf.
- Barbosa, T., (2010). *Estigma face a doença mental por parte de futuros profissionais de saúde mental*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Saúde. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Becker, H. S. (1963). *Outsiders*. Nova Iorque: Free Press.
- Bergstrand, C., & Williams, J. B. (2000). Today's alternative marriage styles: The case of swingers. *Electronic Journal of Human Sexuality*, 3, 10.
- Bértolo, S. R. *A relevância da prática do swing na conjugalidade de um casal: estudo de caso*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009. Acedido Maio, 2013, [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2181/1/22400\\_ulfp034945\\_tm.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2181/1/22400_ulfp034945_tm.pdf)
- Béjin, A. (1987). O casamento extraconjugal dos dias de hoje. In: ÀRIES, Philippe; Béjin, A. (Orgs.). *Sexualidades ocidentais*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense. p. 183-193.
- Butler, E. (1979) (Ed.). *Traditional marriage and emerging alternatives*. New York: Harper & Row.
- Carvalho, M. J. L. (2003). *Entre as malhas do desvio: jovens, espaços, trajetórias e delinquências*. Oeiras: Celta Editora.
- Cialdini, R. B, Kallgren, C.A., & Reno, R. R. (1991). A focus theory of normative conduct: A theoretical refinement and reevaluation of the role of norms in human behavior. *Advances in Experimental Social Psychology*, 21, 201-234
- Cialdini, R.B., & Trost, M.R. (1998). Social influence: Social norms, conformity, and compliance. In D. Gilbert, S. Fiske, & G. Lindzey (Eds.) *The handbook of social psychology*, (4th edition) vol. 2, pp. 151-192. New York: McGraw-Hill.
- Denfeld, D., & Gordon, M. (1970). The sociology of mate swapping: Or the family that swings together clings together. *The Journal of Sex Research*, 6(2), 85-100.
- Dias, J. F., Andrade, M. C. *Criminologia: o homem delinquente e a sociedade criminógena*. Coimbra: Coimbra, 1984.
- Durkheim, É. (1963a) *As regras do método sociológico*. Lisboa: Editorial Presença.
- Durkheim, E. (1893/1984). *Divisão do Trabalho e Suicídio*. (2ª Edição). Lisboa Editorial Presença

- Doran, R., Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Fernandes, E. (2009). The swinging paradigm: an evolution of the marital and sexual satisfaction of swingers. *Eletronic Journal of Human Sexuality*, vol.12
- Ferreira, P. M. B. (2007). *Assimetrias de Poder Intergrupar e Percepção de Desvio Intragrupal*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Jenks, R. J. (1985). Swinging: A replication and test of a theory. *The Journal of Sex Research*, 21(2), 199-205.
- Jenks, R. J. (2001). The lifestyle: A look at the erotic rites of swingers. *The Journal of Sex Research*, 38(2), 171-175.
- Jetten, J., Spears, R. & Manstead, S.R. (1997). Strength of identification and Intergroup differentiation: The influence of group norms. *European Journal of Social Psychology*. 27, 603-609.
- Goffman, E. (1990). *Stigma: notes on the management of spoiled identity*. London: Penguin Books
- Goldenberg, M. (2000). *De amélias a operárias: um ensaio sobre os conflitos femininos no mercado de trabalho e nas relações conjugais*. Rio de Janeiro: Record, pp. 105-123.
- Gould, T. (1999). *The lifestyle: A look at the erotic rites of swingers*. Buffalo, NY: Firefly.
- Heilborn, M. L. (1996). Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: Parker, R. & Barbosa, R. M. (orgs), *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Hogg, M. A. & Abrams, D. (1988). *Social Identifications: A Social Psychology of Intergroup Relations and Group Processes*. Nova Iorque. Routledge.
- Hogg, M. A. (2001). *The social identity theory of leadership*. *Personality and Social Psychology Review*, 5, 184-200.
- Major, B. & Eccleston, C. P. (2005). Stigma and social exclusion. In D. Abrams, M. A. Hogg, & J. Marques (Eds.), *Social psychology of inclusion and exclusion*. New York: Psychology Press
- Marques, J. M. (1990). The black sheep effect: outgroup homogeneity in social comparison settings. In D. Abrams & M. A. Hogg (Eds.) *Social Identity Theory: Constructive and Critical Advances*, (pp. 131-151). Londres. Harvester Wheatsheaf.

- Marques, J. M., Páez, D. & Abrams, D. (1998). Social identity and intragroup differentiation as subjective social control. In S. Worchel, J.F.Morales, D. Páez & J.-C. Deschamps (Eds.) *Social Identity: International perspectives* (pp. 124-141). Nova Iorque. Sage.
- Marques, J. M., Abrams, D., Páez, D. & Hogg, M. (2001). Social categorisation, social identification, and rejection of deviant group members. In M. Hogg & R. Tindale (Eds.). *Blackwell handbook of social psychology* (Vol. 3, pp. 400-424). Oxford, UK. Blackwell.
- Marques, J. M. & Páez, D. (2008). Dynamique de groupes subjective: un cadre théorique pour l'effet brebis galeuse. In R. V. Joule & P. Huguet (Eds), *Bilans et perspectives en psychologie sociale* (Série n° 2, pp. 71-115). Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Marques, J. M., Yzerbyt, V. Y. & Leyens, J. (1988). The black sheep effect : Jugmantal extremity towards ingroup members as a function of ingroup identification. *European Journal of Social Psychology*, 18, 1-16.
- McGinley, R. (1995). *History of swinging: Steve & Sharon's Internet LifestyleClub*. Acedido em Junho, 2013, <http://www.stwd.com/ss/info/history.html>
- Merton, R. K. (1968). *Social Theory and Social Structure*. New York, NY, US: Free .
- Miller, C. T. & Kaiser, C. R. (2001). A Theoretical Perspective on Coping With Stigma. *Journal of Social Issues*, Vol. 57, No. 1, pp. 73-92. University of Vermont.
- MORGADO, J. (2006) "*Swing*": *Um livro esclarecedor sobre a prática swing*. Lisboa: Artipol
- Neto, F. (1998). *Psicologia Social*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rubin, R. H. (2001). Alternative lifestyles revisited, or whatever happened to swingers, group marriages, and communes? *Journal of Family Issues*, 20(6), 711- 726.
- Schaffer, L. S. (1983). Toward Pepitone's vision of a normative social psychology: What is a social norm? *Journal of Mind and Behavior*, 4, 275-294.
- Serina, A., Hall, M., Caimbrone, D., Phua, V. (2012). *Swinging Around Stigma: Gendered Marketing of Swingers' Websites*. Spring Science Business Media, LCC. Published online/ *Sexuality & Culture* (2013) 17:348-359
- Sherif, M. (1936). *The psychology of social norms*. New York: Harper
- Stangor, C. (2000). Volume overview. In C. Stangor (Org.), *Stereotypes and prejudice: essential readings*. Philadelphia: Psychology Press.
- Summer, W. B., Jr. (1990). *Folkways*. Boston: Ginn.

- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between Social Groups*. London: Academic Press
- Tajfel, H. (1984). *The Social Dimension – volume II*. New York. Cambridge University Press.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin & S. Worchel (Ed.s). *The Social Psychology of Intergroup Relations*. Monterey, Cal.:Brooks e Cole.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel & W. G. Austin (Ed.s). *Psychology of Intergroup Relations*, 2<sup>a</sup> ed. Chicago: Nelson- Hall.
- Talese, G. (1980). *Thy neighbor's wife*. New York. Dell Publishing.
- Therborn, G. (2002), "Back to Norms! On the Scope and Dynamics of Norms and Normative Action", *Current Sociology*, 50(6), 863-880
- Turner, J. C. (1975). Social comparison and social identity: Some prospects for intergroup behavior. *European Journal of Social Psychology*, 5, 5-34.
- Turner, J. C. (1991). *Social influence*. Milton Keynes: Open University Press.
- Vala, J. & Monteiro, M. B. (2013). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Veríssimo, L. L. (2001). *Papel do desviante no sistema normativo do grupo*. Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Universidade do Porto.
- Viwatpanich, K. (2010). Swinging: extramarital sexuality in Thai society. *Solvane Anthropological Society*, 16(2), pp 57-70. Thammasat University.
- Weid, O. (2006). Troca de casais: uma discussão sobre corpo e infidelidade nos novos arranjos conjugais. 30º Encontro Anual da ANPOCS. CT22: *Sexualidade, corpo e género*. Acedido em Maio, 2013, [http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=3456&Itemid=232](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3456&Itemid=232))

**Anexos**





O presente questionário foi desenvolvido para a minha tese de Mestrado Integrado em Psicologia e visa conhecer as regras, os valores e os comportamentos inerentes à prática de Swing.

Os dados recolhidos têm como **único** fim o tratamento estatístico, sendo, por isso, o objetivo primordial assegurar a **confidencialidade** e o **anonimato** dos participantes. A sua participação é muito importante, pelo que peço que responda a todas as questões com sinceridade.

Agradecemos desde já a sua participação!

Idade

Sexo: Feminino ☐

Masculino ☐

1. Dos valores mencionados abaixo, assinale aqueles, que considera que a prática de swing respeita.

Respeito ☐

Justiça ☐

Solidariedade ☐

Confiança ☐

Cooperação ☐

Igualdade ☐

Humildade ☐

Amizade ☐

Liberdade ☐

Honestidade ☐

Responsabilidade ☐

Fé/Caridade ☐

Partilha ☐

Democracia ☐

Tolerância ☐

Educação ☐

Fidelidade ☐

Humanismo ☐

Integridade ☐

Honra ☐

Altruísmo ☐

2. Dos valores mencionados abaixo, assinale aqueles, que considera que a prática de swing desrespeita.

Respeito ☐

Justiça ☐

Solidariedade ☐

Confiança ☐

Cooperação ☐

Igualdade ☐

Humildade ☐

Amizade ☐

Liberdade ☐

Honestidade ☐

Responsabilidade ☐

Fé/Caridade ☐

Partilha ☐

Democracia ☐

Tolerância ☐

Educação ☐

Fidelidade ☐

Humanismo ☐

Integridade ☐

Honra ☐

Altruísmo ☐

3. Que regras considera indispensáveis a serem respeitadas na prática de swing?

1 \_\_\_\_\_

2 \_\_\_\_\_

3 \_\_\_\_\_

4 \_\_\_\_\_

5 \_\_\_\_\_

4. Na sua opinião, que características e comportamentos são típicos dos praticantes de Swing por comparação com pessoas não praticantes?

1 \_\_\_\_\_

2 \_\_\_\_\_

3 \_\_\_\_\_

4 \_\_\_\_\_

5 \_\_\_\_\_

Obrigado pela sua colaboração!



O presente questionário integra-se no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Psicologia e visa conhecer os valores presentes na vida sexual das pessoas em geral.

Os dados recolhidos têm como **único** fim o tratamento estatístico, sendo, por isso, assegurada a **confidencialidade** e o **anonimato** dos participantes. A sua participação é muito importante. Por favor responda a todas as questões com sinceridade.

Agradecemos desde já a sua participação!

O presente questionário integra-se no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Psicologia e visa conhecer os valores presentes na vida sexual das pessoas em geral.

Os dados recolhidos têm como **único** fim o tratamento estatístico, sendo, por isso, assegurada a **confidencialidade** e o **anonimato** dos participantes. A sua participação é muito importante. Por favor responda a todas as questões com sinceridade.

Agradecemos desde já a sua participação!

O presente questionário integra-se no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Psicologia e visa conhecer os valores presentes na vida sexual das pessoas em geral.

Os dados recolhidos têm como **único** fim o tratamento estatístico, sendo, por isso, assegurada a **confidencialidade** e o **anonimato** dos participantes. A sua participação é muito importante. Por favor responda a todas as questões com sinceridade.

Agradecemos desde já a sua participação!

Idade        Sexo: Feminino ☐      Masculino ☐

Idade        Sexo: Feminino ☐      Masculino ☐

Assinale de 1 a 7, em que 1 significa nada respeitados, e 7 totalmente respeitados.

5.Em que medida considera que os seguintes valores deveriam ser respeitados na vida sexual entre casais.

[illegible]

	1	2	3	4	5	6	7
Tolerância	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Humanismo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Altruísmo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Higiene	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mentira	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Liberalidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cumplicidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pureza	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comunicação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Prazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Amor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Autoestima	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Independência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Valorização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Coerência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diversidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Paz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Consciência	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Segurança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Harmonia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Esperança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Motivação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Compaixão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Liderança	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Poder	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Equilíbrio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diversão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Aprendizagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sintonia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Criatividade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Privacidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Perdão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela sua colaboração!

---

**Anexo 3: Questionário Estudo Principal (Condição Estigmatizada)**

O presente questionário integra-se no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Psicologia mais especificamente sobre a atitude face à união de casais Portugueses no geral e, mais particularmente, sobre a traição entre membros de um casal.

Os dados recolhidos têm como **único** fim o tratamento estatístico, sendo, por isso, assegurada a **confidencialidade** e o **anonimato** dos participantes. A sua participação é muito importante. Por favor, responda a todas as questões com sinceridade.

Agradecemos desde já a sua participação!

Idade

Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

Neste momento encontra-se numa relação estável? Sim ☐ Não ☐

Como sabe, a religião pode ser uma componente importante da vida e das relações familiares. Este sentido, gostaríamos de conhecer as suas atitudes, opiniões e comportamentos religiosos.

É religioso/a? Sim ☐ Não ☐

Se sim, qual a sua religião? \_\_\_\_\_

1.Com que frequência vai a uma igreja, templo ou outro encontro religioso, por mês?

\_\_\_\_\_ vezes

2.Em que medida a religião é uma componente importante para a sua identidade?

1      2      3      4      5      6      7  
Nada importante      Muito importante



Estamos interessados em saber a atitude das pessoas face a casais e a processos de terapia de casal. Com efeito, vários casais deparam-se com problemas, que em determinadas situações podem atingir uma dimensão de tal forma elevada que pode colocar em causa a sua própria relação.

De seguida apresentamos um caso clínico verídico, exposto num consultório de terapia de casal, que aborda o tema da traição. Pedimos por favor que leia atentamente o seguinte caso e que dê a sua opinião sincera sobre o mesmo. (Nota: os nomes dos utentes da terapia foram alterados por uma questão de confidencialidade).

**Dados do casal:**

Francisco, 42 anos, Engenheiro; Lúcia, 40 anos, Gestora (ambos os nomes fictícios).

**Quem formulou o pedido:**

O pedido de terapia foi formulado pela Lúcia; Francisco concordou entrar no processo de terapia porque pretende reforçar o casamento.

**Motivo do pedido:**

O pedido manifesto pela Lúcia resulta de comportamentos consistentes de traição por parte de Francisco, Com a qual Lúcia tem dificuldades em lidar. Lúcia deparou-se recentemente com uma traição do marido, facto este, que despoletou o pedido de terapia. Juntos decidiram iniciar um processo de terapia por forma a revigorar o relacionamento.

**Desenvolvimento breve do caso:**

Lúcia e Francisco estão casados há 10 anos. Entretanto, Lúcia descobriu que Francisco a trai desde que se casaram. Quando confrontado com a descoberta da mulher, Francisco assumiu. Neste sentido decidiram iniciar uma terapia de casal para tentar ultrapassar a situação. Lúcia manifestou conhecimento do passado do Francisco com várias parceiras, ainda nos tempos de namoro, mas este sempre lhe prometeu que ia tentar ser fiel no casamento. Francisco confirmou esta informação. Lúcia e Francisco informaram ainda, que o casal pratica *swing*, sendo esta prática satisfatória para ambos.

**Postura do cônjuge face ao pedido de terapia:**

Francisco diz continuar a gostar de Lúcia mas que “não consegue resistir” a casos extraconjugais pois não considera que ponham em causa o casamento. Diz-se motivado e empenhado em seguir o processo de terapia até ao fim.

Seguidamente vai encontrar algumas afirmações acerca do caso que leu. Por favor, para cada uma das afirmações, coloque uma cruz na quadrícula que melhor traduz a sua opinião.

De acordo com as informações que recolheu caso terapêutico anterior, gostaríamos de saber qual a sua opinião relativamente ao Francisco. Instruções para resposta: se considerar que o Francisco é mais respeitador do que desrespeitador, coloque a cruz mais próxima da palavra respeitador.

Desrespeitador	1	2	3	4	5	6	7	Respeitador
Não Confiável	1	2	3	4	5	6	7	Confiável
Insensato	1	2	3	4	5	6	7	Sensato
Má pessoa	1	2	3	4	5	6	7	Boa pessoa
Não Integro	1	2	3	4	5	6	7	Integro
Desleal	1	2	3	4	5	6	7	Leal
Imoral	1	2	3	4	5	6	7	Moral
Mau exemplo	1	2	3	4	5	6	7	Bom exemplo

De seguida, pedimos-lhe a sua opinião sobre a Lúcia.

Desrespeitadora	1	2	3	4	5	6	7	Respeitadora
Não Confiável	1	2	3	4	5	6	7	Confiável
Insensata	1	2	3	4	5	6	7	Sensata
Má pessoa	1	2	3	4	5	6	7	Boa pessoa
Não Integra	1	2	3	4	5	6	7	Integra
Desleal	1	2	3	4	5	6	7	Leal
Imoral	1	2	3	4	5	6	7	Moral
Mau exemplo	1	2	3	4	5	6	7	Bom exemplo

Em que medida considera que Francisco violou os seguintes princípios, em relação à Lúcia. Por favor, responda com sinceridade a cada um dos mesmos, fazendo um círculo no número que melhor expressa a sua opinião.

	Nada Violado						Muito Violado
Responsabilidade	1	2	3	4	5	6	7
Verdade	1	2	3	4	5	6	7
Respeito	1	2	3	4	5	6	7
Igualdade	1	2	3	4	5	6	7
Confiança	1	2	3	4	5	6	7
Fidelidade	1	2	3	4	5	6	7
Liberdade	1	2	3	4	5	6	7
Partilha	1	2	3	4	5	6	7

Abaixo encontra algumas afirmações em relação às quais gostaríamos que se posicionasse. As respostas às seguintes afirmações irão permitir aceder à sua atitude face a esta relação. Por favor, assinale com um círculo o algarismo que melhor traduz a sua opinião.

	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
6. Para a relação sobreviver, Lúcia deve aceitar Francisco tal como ele é e não deve esperar mudanças.	1	2	3	4	5	6	7
7. Acredito que Francisco pode ser um bom marido, mesmo continuando a trair Lúcia	1	2	3	4	5	6	7
8. Acredito que Francisco poderá ser o marido que Lúcia deseja.	1	2	3	4	5	6	7
9. Acredito que Francisco irá deixar de trair Lúcia.	1	2	3	4	5	6	7
10. Acredito que o processo de terapia de casal será eficaz.	1	2	3	4	5	6	7
11. Este casamento tem hipótese de se tornar bem-sucedido.	1	2	3	4	5	6	7
12. Acredito que Francisco conseguirá corresponder às expectativas de Lúcia.	1	2	3	4	5	6	7
13. Ambos os cônjuges deveriam lutar por esta relação.	1	2	3	4	5	6	7
14. Lúcia deve continuar a manter as mesmas expectativas e exigir que Francisco mude o seu estilo de vida.	1	2	3	4	5	6	7
15. Lúcia deve acabar com a relação.	1	2	3	4	5	6	7

9.Quão satisfeito se sente com a sua relação?

10.Como avalia a satisfação com a sua relação nas seguintes áreas? Assinale com um círculo no número que melhor descreve a sua opinião, em que 1 significa nada satisfeito/a e 7 totalmente satisfeito/a.

Se quiser dizer alguma coisa específica, escreva nas linhas abaixo.

---

Desrespeitador/a	1	2	3	4	5	6	7	Respeitador/a
Não Confiável	1	2	3	4	5	6	7	Confiável
Insensato/a	1	2	3	4	5	6	7	Sensato/a
Má pessoa	1	2	3	4	5	6	7	Boa pessoa
Não Integro/a	1	2	3	4	5	6	7	Integro/a
Desleal	1	2	3	4	5	6	7	Leal
Imoral	1	2	3	4	5	6	7	Moral
Mau exemplo	1	2	3	4	5	6	7	Bom exemplo

12.Considera que a sua relação é tradicional.

[illegible]

13. Acha que o tipo de relação que estabelece com o/a seu/sua parceiro/a é bem aceite na sociedade?

Discordo totalmente

14. Em que medida a sua relação é considerada normativa?

Discordo totalmente

15.Em que medida considera que, os seguintes valores são importantes no seio da sua relação?

	Nada Importantes						Muito Importantes
Responsabilidade	1	2	3	4	5	6	7
Verdade	1	2	3	4	5	6	7
Respeito	1	2	3	4	5	6	7
Igualdade	1	2	3	4	5	6	7
Confiança	1	2	3	4	5	6	7
Fidelidade	1	2	3	4	5	6	7
Liberdade	1	2	3	4	5	6	7
Partilha	1	2	3	4	5	6	7

---

**Anexo 4: Questionário Estudo Principal (Condição Não Estigmatizada)**

O presente questionário integra-se no âmbito de uma tese de Mestrado Integrado em Psicologia mais especificamente sobre a atitude face à união de casais Portugueses no geral e, mais particularmente, sobre a traição entre membros de um casal.

Os dados recolhidos têm como **único** fim o tratamento estatístico, sendo, por isso, assegurada a **confidencialidade** e o **anonimato** dos participantes. A sua participação é muito importante. Por favor, responda a todas as questões com sinceridade.

Agradecemos desde já a sua participação!

Idade

Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

Neste momento encontra-se numa relação estável? Sim ☐ Não ☐

Como sabe, a religião pode ser uma componente importante da vida e das relações familiares. Este sentido, gostaríamos de conhecer as suas atitudes, opiniões e comportamentos religiosos.

É religioso/a? Sim ☐ Não ☐

Se sim, qual a sua religião? \_\_\_\_\_

1.Com que frequência vai a uma igreja, templo ou outro encontro religioso, por mês?

\_\_\_\_\_ vezes

2.Em que medida a religião é uma componente importante para a sua identidade?

1 2 3 4 5 6 7

Nada importante

Muito importante

Estamos interessados em saber a atitude das pessoas face a casais e a processos de terapia de casal. Com efeito, vários casais deparam-se com problemas, que em determinadas situações podem atingir uma dimensão de tal forma elevada que pode colocar em causa a sua própria relação.

De seguida apresentamos um caso clínico verídico, exposto num consultório de terapia de casal, que aborda o tema da traição. Pedimos por favor que leia atentamente o seguinte caso e que dê a sua opinião sincera sobre o mesmo. (Nota: os nomes dos utentes da terapia foram alterados por uma questão de confidencialidade).

**Dados do casal:**

Francisco, 42 anos, Engenheiro; Lúcia, 40 anos, Gestora (ambos os nomes fictícios).

**Quem formulou o pedido:**

O pedido de terapia foi formulado pela Lúcia; Francisco concordou entrar no processo de terapia porque pretende reforçar o casamento.

**Motivo do pedido:**

O pedido manifesto pela Lúcia resulta de comportamentos consistentes de traição por parte de Francisco, Com a qual Lúcia tem dificuldades em lidar. Lúcia deparou-se recentemente com uma traição do marido, facto este, que despoletou o pedido de terapia. Juntos decidiram iniciar um processo de terapia por forma a revigorar o relacionamento.

**Desenvolvimento breve do caso:**

Lúcia e Francisco estão casados há 10 anos. Entretanto, Lúcia descobriu que Francisco a trai desde que se casaram. Quando confrontado com a descoberta da mulher, Francisco assumiu. Neste sentido decidiram iniciar uma terapia de casal para tentar ultrapassar a situação. Lúcia manifestou conhecimento do passado do Francisco com várias parceiras, ainda nos tempos de namoro, mas este sempre lhe prometeu que ia tentar ser fiel no casamento. Francisco confirmou esta informação. Lúcia e Francisco informaram ainda, que o casal pratica *swing*, sendo esta prática satisfatória para ambos.

**Postura do cônjuge face ao pedido de terapia:**

Francisco diz continuar a gostar de Lúcia mas que “não consegue resistir” a casos extraconjugais pois não considera que ponham em causa o casamento. Diz-se motivado e empenhado em seguir o processo de terapia até ao fim.



Seguidamente vai encontrar algumas afirmações acerca do caso que leu. Por favor, para cada uma das afirmações, coloque uma cruz na quadrícula que melhor traduz a sua opinião.

De acordo com as informações que recolheu caso terapêutico anterior, gostaríamos de saber qual a sua opinião relativamente ao Francisco. Instruções para resposta: se considerar que o Francisco é mais respeitador do que desrespeitador, coloque a cruz mais próxima da palavra respeitador.

Desrespeitador	1	2	3	4	5	6	7	Respeitador
Não Confiável	1	2	3	4	5	6	7	Confiável
Insensato	1	2	3	4	5	6	7	Sensato
Má pessoa	1	2	3	4	5	6	7	Boa pessoa
Não Integro	1	2	3	4	5	6	7	Integro
Desleal	1	2	3	4	5	6	7	Leal
Imoral	1	2	3	4	5	6	7	Moral
Mau exemplo	1	2	3	4	5	6	7	Bom exemplo

De seguida, pedimos-lhe a sua opinião sobre a Lúcia.

Desrespeitadora	1	2	3	4	5	6	7	Respeitadora
Não Confiável	1	2	3	4	5	6	7	Confiável
Insensata	1	2	3	4	5	6	7	Sensata
Má pessoa	1	2	3	4	5	6	7	Boa pessoa
Não Integra	1	2	3	4	5	6	7	Integra
Desleal	1	2	3	4	5	6	7	Leal
Imoral	1	2	3	4	5	6	7	Moral
Mau exemplo	1	2	3	4	5	6	7	Bom exemplo

Em que medida considera que Francisco violou os seguintes princípios, em relação à Lúcia. Por favor, responda com sinceridade a cada um dos mesmos, fazendo um círculo no número que melhor expressa a sua opinião.

	Nada Violado						Muito Violado
Responsabilidade	1	2	3	4	5	6	7
Verdade	1	2	3	4	5	6	7
Respeito	1	2	3	4	5	6	7
Igualdade	1	2	3	4	5	6	7
Confiança	1	2	3	4	5	6	7
Fidelidade	1	2	3	4	5	6	7
Liberdade	1	2	3	4	5	6	7
Partilha	1	2	3	4	5	6	7

Abaixo encontra algumas afirmações em relação às quais gostaríamos que se posicionasse. As respostas às seguintes afirmações irão permitir aceder à sua atitude face a esta relação. Por favor, assinala com um círculo o algarismo que melhor traduz a sua opinião.

	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
16. Para a relação sobreviver, Lúcia deve aceitar Francisco tal como ele é e não deve esperar mudanças.	1	2	3	4	5	6	7
17. Acredito que Francisco pode ser um bom marido, mesmo continuando a trair Lúcia	1	2	3	4	5	6	7
18. Acredito que Francisco poderá ser o marido que Lúcia deseja.	1	2	3	4	5	6	7
19. Acredito que Francisco irá deixar de trair Lúcia.	1	2	3	4	5	6	7
20. Acredito que o processo de terapia de casal será eficaz.	1	2	3	4	5	6	7
21. Este casamento tem hipótese de se tornar bem-sucedido.	1	2	3	4	5	6	7
22. Acredito que Francisco conseguirá corresponder às expectativas de Lúcia.	1	2	3	4	5	6	7
23. Ambos os cônjuges deveriam lutar por esta relação.	1	2	3	4	5	6	7
24. Lúcia deve continuar a manter as mesmas expectativas e exigir que Francisco mude o seu estilo de vida.	1	2	3	4	5	6	7
25. Lúcia deve acabar com a relação.	1	2	3	4	5	6	7

9.Quão satisfeito se sente com a sua relação?

10.Como avalia a satisfação com a sua relação nas seguintes áreas? Assinale com um círculo no número que melhor descreve a sua opinião, em que 1 significa nada satisfeito/a e 7 totalmente satisfeito/a.

Se quiser dizer alguma coisa específica, escreva nas linhas abaixo.

---

Desrespeitador/a	1	2	3	4	5	6	7	Respeitador/a
Não Confiável	1	2	3	4	5	6	7	Confiável
Insensato/a	1	2	3	4	5	6	7	Sensato/a
Má pessoa	1	2	3	4	5	6	7	Boa pessoa
Não Integro/a	1	2	3	4	5	6	7	Integro/a
Desleal	1	2	3	4	5	6	7	Leal
Imoral	1	2	3	4	5	6	7	Moral
Mau exemplo	1	2	3	4	5	6	7	Bom exemplo

12.Considera que a sua relação é tradicional.

1 2 3 4 5 6 7

Nada Tradicional  
(homossexualidade, bissexualidade,  
Práticas sexuais alternativas, vários parceiros)

Muito Tradicional

13.Acha que o tipo de relação que estabelece com o/a seu/sua parceiro/a é bem aceite na sociedade?

1 2 3 4 5 6 7

Discordo totalmente

Concordo Totalmente

14.Em que medida a sua relação é considerada normativa?

1 2 3 4 5 6 7

Discordo totalmente

Concordo Totalmente

15.Em que medida considera que, os seguintes valores são importantes no seio da sua relação?

	Nada Importantes						Muito Importantes
Responsabilidade	1	2	3	4	5	6	7
Verdade	1	2	3	4	5	6	7
Respeito	1	2	3	4	5	6	7
Igualdade	1	2	3	4	5	6	7
Confiança	1	2	3	4	5	6	7
Fidelidade	1	2	3	4	5	6	7
Liberdade	1	2	3	4	5	6	7
Partilha	1	2	3	4	5	6	7

**Tabelas**

Tabela 3

Principais fatores extraídos de uma Análise Fatorial em Componentes Principais com Rotação Varimax sobre os Valores Violados.

Fatores	$\alpha$ de Cronbach	% de Variância
Fator 1	0.88	41.41%
Fator 2	0.87	31.26%

Tabela 4

Principais fatores extraídos de uma Análise Fatorial em Componentes Principais com Rotação Varimax sobre as Estratégias de Reação.

Fatores	$\alpha$ de Cronbach	% de Variância
Fator 1	0.72	32.03%
Fator 2	0.88	18.90%
Fator 3	0.46	18.42%